



Uma análise psico e sociolinguística das propriedades dimensionais das palavras tabu no português carioca

A psycho- and sociolinguistics analysis of the dimensional properties of taboo words in carioca Portuguese

Claudiane Gusmão Azevedo da Silva-Nasser

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ / Brasil

dianegusmao@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0003-2039-4636>

Resumo: Palavras tabu são palavras emocionais, que, em tarefas psico e neurolinguísticas, apresentam maior captura atencional, são mais memoráveis e complexas de processar. Esses fenômenos estão ligados a dimensões como alerta e valência, que refletem aspectos sociais, psicológicos e neurológicos. O presente estudo, inédito no português brasileiro, visa normatizar o que diferencia o processamento de palavras tabu de outras palavras emocionais no que se refere às dimensões afetivas. O estudo se articula com a sociolinguística ao mapear as atitudes linguísticas em relação a palavras tabu, que configuram marcadores estilísticos salientes, sujeitos a julgamentos negativos, engajando o monitor sociolinguístico. Objetiva-se entender como aspectos como gênero, religiosidade, costume de uso, tolerância a palavrão na família e propensão à ofensa, possíveis constituintes das crenças e atitudes linguísticas, modulam a percepção dessas palavras. De 164 universitários cariocas, comparamos medidas de um questionário explícito sobre palavrão, com julgamentos, menos explícitos, numa escala Likert, sobre 200 palavras individualmente, para examinar: (i) como palavras tabu são caracterizadas quanto a frequência, familiaridade, ofensividade, nível de tabu, alerta e valência comparadas a outras categorias (palavras positivas, negativas e neutras); (ii) a influência de índices do perfil sociocultural dos participantes sobre esses julgamentos para inferir como esses modulam efeitos de monitoramento. Observamos que as palavras tabu se destacaram principalmente pelos julgamentos de tabu social e ofensividade, mas também pela menor familiaridade e valência. Esses resultados confirmam atitudes linguísticas negativas sobre palavras tabu, com percepções influenciadas por religiosidade, ambiente familiar e gênero, relevantes para o entendimento da identidade linguística desse grupo de falantes.

Palavras-chave: palavras tabu; psicolinguística; sociolinguística; percepção; emoção.

Abstract: Taboo words are emotional words which, in psycho and neurolinguistic studies, present higher attentional capture, are more memorable and complex to process. Such phenomena are connected to dimensions such as arousal and valence, which reflect social, psychological and neurological aspects. The present study, the first of its kind in Brazilian Portuguese, aims to collect normative data in order to characterize what distinguish the processing of taboo words from other emotional words. The study crosses over to sociolinguistics by mapping linguistic attitudes towards taboo words, which are salient stylistic elements, subject to negative judgement, and strongly engage the sociolinguistic monitor. We aim to examine how certain aspects that may underlie beliefs and linguistic attitudes, such as gender, religiosity, habit of engaging in swearing, family tolerance and likelihood to take offense, modulate taboo word perception. Answers given by 164 university students from Rio de Janeiro to an explicit questionnaire about swear words were compared to less explicit judgements on 200 words in order to examine: (i) whether frequency, familiarity, valence, offensiveness, tabooess and arousal set taboo words apart from other categories (positive, negative and neutral words); (ii) the influence of participants' sociocultural profile on such judgements, reflecting sociolinguistic monitoring. We observed that taboo words fall into a distinct category, mainly due to high social tabooess and offensiveness ratings, but also due to low familiarity and negative valence. These results confirm more negative linguistic attitudes regarding taboo words influenced by religiosity, family environment and gender, pertinent aspects to the understanding of these speakers' linguistic identity.

Keywords: taboo words; psycholinguistics; sociolinguistics; perception; emotion.

Recebido em 06 de outubro de 2022.

Aceito em 27 de maio de 2023.

1 Introdução

Desde o início da história da neurociência da linguagem, o palavrão tem figurado na descrição de casos clássicos como o de Leborgne, paciente de Broca, que famosamente repetia “Sacre nom de Dieu!” (“*sagrado nome de Deus*”, blasfêmia), mas não falava. Desde então, as características distintivas de uso de palavrões têm instigado principalmente psicólogos e neurólogos, mas muito menos os linguistas, possivelmente devido ao estigma que cerca seu uso. Mas isso mudou recentemente. Ao longo das últimas décadas foram

observados vários fenômenos que distinguem as palavras tabu de outras palavras emocionalmente carregadas: elas modulam o nosso nível atencional de uma forma única, e engajam uma carga cognitiva grande devido a sua complexidade emocional e social. Isso deve refletir a sua capacidade singular de ao mesmo tempo veicular emoções fortes efetiva e rapidamente, e de manifestar a criatividade e jogo de cintura na dinâmica social, o que atesta a importância que têm enquanto recurso linguístico. Este estudo se insere nessa recente empreitada de compreender melhor o processamento das palavras tabu, sua percepção e sua caracterização nas suas múltiplas dimensões psicossociais. Enquanto há estudos no português brasileiro normatizando palavras emocionais, esses não incluem palavras tabu. Assim, o presente estudo visa normatizar o que diferencia o processamento de palavras tabu de outras palavras de cunho emocional em relação às dimensões afetivas, replicando Janschewitz (2008). Indo além, buscamos acessar a percepção dos falantes acerca do uso de palavrões a partir das suas características psicossociais.

Dessa forma, o estudo também se articula ao campo de sociolinguística, pois pretende mapear as atitudes linguísticas em relação à palavra tabu e ao palavrão. O estudo não se configura em termos clássicos de percepção de variantes, mas investiga como a percepção de palavras tabu se compara à de outras classes lexicais, como palavras com valência positiva e negativa e palavras neutras.

O palavrão se configura como elemento saliente no uso de linguagem, como elemento de marcador estilístico, e que está geralmente sujeito a julgamentos negativos fortes. Além disso, seu uso pode ser um marcador estereotipado de identidade sociocultural, sendo associado, por um lado, a valores como liberdade, rebeldia, e à promiscuidade e ofensa, por outro. De modo geral, devido à saliência que possuem, palavrões engajam o monitor sociolinguístico fortemente. A importância deste estudo está em entender como certos aspectos constituintes das crenças e atitudes dos falantes, no caso universitários cariocas, modulam a percepção dos palavrões. Tais aspectos seriam: gênero, religiosidade, costume de uso, tolerância a palavrão na família e propensão à ofensa, que estimamos serem índices importantes das atitudes e crenças em relação a essa classe de palavras e que julgamos serem relevantes na investigação da identidade linguística desse grupo de falantes. Comparamos medidas de um questionário explícito sobre palavrão, com julgamentos, menos explícitos, feitas sobre palavras individualmente, a fim de observar:

(i) como palavras são caracterizados por essa população em termos de frequência de uso, familiaridade, valência, grau de ofensa, nível de tabu, alerta e valência comparado a outros tipos de palavras (negativas, positivas e neutras); (ii) como esses julgamentos são influenciados por índices do perfil sociocultural dos participantes, a fim de inferir como efeitos de monitoramento são modulados por esse perfil.

O texto está organizado da seguinte forma: iniciamos na seção 2 conceituando a palavra tabu, e elaboramos sobre a perspectiva sociolinguística deste fenômeno na seção 3, com foco principal em atitudes linguísticas, detalhando influências de religiosidade (seção 3.1) e gênero (seção 3.2). Na seção 4, resenhamos a literatura relevante da psico e neurolinguística, mostrando que reflexos afetivos e da percepção sociolinguística de palavras tabu são flagrados nas medidas comportamentais e neurofisiológicas relativos a processamento dessa categoria lexical. Nas seções 5 e 6, dissertamos o estudo e seus resultados; primeiro, apresentando como as palavras tabu se distinguiram das outras palavras emocionais, e, segundo, como os aspectos psicossociais afetaram os julgamentos sobre as palavras, detalhando cada aspecto. Na seção 7, encontra-se uma discussão mais aprofundada sobre como características psicossociais dos participantes revelaram atitudes linguísticas em relação às palavras tabu, de modo geral, e a alguns tipos de palavras tabu, por exemplo, as de cunho sexual, em específico. Discutimos a influência de religiosidade, gênero, em seções separadas, e a de propensão à ofensa, costume de uso e tolerância da família juntos. Por fim, faremos considerações finais, ponderando a relevância do estudo para articulações entre perspectivas socio, psico e neurolinguística.

2 Palavra tabu

O termo *tabu* refere-se à abstenção de fazer ou dizer algo sagrado ou temido, com a crença de que, se dito ou feito, algo ruim acontecerá ao indivíduo, como uma punição (GUÉRIOS, 1955). O entendimento do que são as palavras tabu segue a mesma linha: se ditas, acredita-se que podem causar algum dano ao indivíduo ou sociedade (JAY, 2009), e, portanto, evita-se o uso na maior parte dos contextos. As palavras ganham sua tabuização em níveis diferentes. Primeiramente, palavras tabu são restringidas ao uso devido à convicção de que haverá algum detrimento àquele que as profere ou devido ao fato de a palavra tabu ter sido proferida. Essa convicção

está atrelada ao preconceito que existe em relação às palavras tabu, como palavras que fogem ao que se espera como boa decência ou moralidade (ORSI, 2011). Mesmo os falantes de português brasileiro, ao serem perguntados o que entendiam por palavrão, responderam que os consideram como *palavra feia, grande/pesada* e de origem vulgar (ZOSSOU, 2021).

Palavras tabu podem ser divididas em categorias que correspondem a fluidos corporais, partes do corpo, atos sexuais, insultos étnicos ou raciais, profanidade, vulgaridade, gíria e escatologia (JAY *et al.*, 2008). Por ser um termo que abrange muitas categorias distintas de palavras, há avaliações diversas sobre o que é tabu, mas uma das subcategorias são os palavrões (ORSI, 2011; PINHEIRO; MENEZES; FREITAG, 2020). Sabendo que palavrões podem ser considerados um subconjunto de palavras tabu e que nem todas as palavras tabu são vistas como palavrões, neste trabalho usamos de modo intercambiável os dois termos, sendo que níveis de tabu e percepções sobre seu uso como palavrão podem variar.

Segundo o dicionário online *dicio*¹, *palavrão* é “palavra obscena, grosseira ou pornográfica, cujo uso pode ofender a quem dela é alvo”. Decerto palavrões se sobrepõem à fala agressiva, ofensiva e abusiva, mas pensar palavrões dessa maneira é negligenciar uma boa parte de seu uso. Pode-se pensar em situações em que o uso de palavrões se realiza para fins de harmonia social (JAY, 2000, 2009; JAY; JANSCHWITZ, 2009; ORSI, 2011), efeito catártico (JAY, 2000; JAY, 2008; ORSI, 2011), estimulação sexual (JAY, 2000), criação de identidade cultural (JAY, 2000; LABOV, 1972).

O efeito catártico do uso de palavrões estaria ligado à base biológica do ser humano como uma resposta emocional (VINGERHOETS *et al.*, 2013), equivalente ao choro de um bebê (JAY, 2000). Nesse caso, seria parte de um elemento essencial da evolução humana, visando a necessidade de manifestar emoções intensas.

Um exemplo do papel do uso de palavrões para a afirmação da identidade cultural pode ser encontrado no influente trabalho de Labov na comunidade falante do inglês vernáculo afro-americano de Harlem, bairro da Nova Iorque, no final da década 60 (LABOV, 1972). Para membros dessa comunidade, quanto mais insultante e mais tabu para a sociedade branca de classe média era o palavrão, mais ele serve para a convergência dos traços culturais dos falantes negros, pois é uma medida clara de divisão entre quem são eles e quem são os outros.

¹ Disponível em <https://www.dicio.com.br/palavrao/>, acesso em 25 de julho de 2022.

Entre catarse, identidade cultural e estimulação sexual, o ato de usar palavrões está intimamente atrelado à emoção. Para dar conta dessa complexidade, Jay (2000) postulou a teoria Neuro-Psico-Sociocultural (NPS) que considera que falar palavrões deve usar simultaneamente três dimensões do comportamento humano: restrições socioculturais, contenções psicológicas e controle neurológico.

Em conformidade com a teoria NPS, as atitudes linguísticas de um falante abarcam sua produção e percepção da linguagem. As atitudes linguísticas podem ser entendidas como as opiniões, noções e preconceitos que a pessoa tem sobre o significado social de uma língua ou variedade da língua, implícita ou explicitamente, e são formadas a partir das crenças e ideologias da comunidade da qual ela faz parte (DRAGOJEVIC *et al.*, 2021). Portanto, as atitudes linguísticas influenciam sua reação à linguagem dos outros indivíduos ao redor e criam espaço para que o falante acomode o uso da linguagem em respeito ao tipo de resposta que ele busca no outro (GARRETT, 2010). Dessa maneira, atitudes estão fortemente associadas a comportamento e são aprendidas, sendo assim um produto social. Em vista disso, as atitudes linguísticas se caracterizam de acordo com três dimensões: reação cognitiva, afetiva e comportamental (FREITAG *et al.*, 2016; GARRETT, 2010). As reações cognitivas englobam crenças sobre o uso de certas variáveis linguísticas em uma comunidade; as reações afetivas envolvem a maneira com a qual o indivíduo vê positiva ou negativamente uma variável linguística; e as reações comportamentais são as que modulam o comportamento do indivíduo de forma a estar de acordo com os julgamentos cognitivos e afetivos (GARRETT, 2010).

Portanto, sendo a percepção de palavra tabu um fenômeno multidimensional, é desejável considerar tanto a perspectiva sociolinguística, quanto as psico e neurolinguística ao tentar caracterizar o processamento dessa categoria singular de palavras.

3 A perspectiva sociolinguística

Os palavrões variam de sentido e uso a depender da comunidade que os usam, como um acordo sociocultural. Souto Maior (1992, p.16), em seu pioneiro trabalho de reunir palavrões em língua portuguesa e organizá-las em um dicionário, diz que “[u]m palavrão no Nordeste é uma palavra educada no Sul e vice-versa”. Guérios diz que

[...] apesar de o tabu linguístico ser fenômeno universal e de todos os tempos, não é uniforme na intensidade e não é coincidente, isto é, uma palavra tabuizada num povo, numa comunidade, numa família, poderá não sê-lo em outro povo, comunidade ou família e, por fim, pode ser temporário. (GUÉRIOS, 1956, p.13)

Alguns estudos investigaram essa variação regional no Brasil no campo da sociolinguística (ARAGÃO, 2009; OLIVEIRA, 2018; SANCHES; SILVA, 2014; VALADARES; SANTOS, 2015). Há também estudos brasileiros que tratam o uso de palavrão sob ótica de variação estilística (para produção de efeito humorístico, no caso, cf. CARMELINO, 2018) ou em relação a construção de identidade cultural e preconceito (sobre a identidade funkeira, que se difunde através de músicas – conhecidas como “proibições”, cf. PAULON, 2011; RUSSANO, 2006).

Na teoria NPS, a restrição sociocultural é a força que impede ou encoraja o indivíduo de proferir um palavrão. Nesse sistema, são características como religião, identidade de gênero, tabu social, censura e poder social que providenciam as restrições.

A restrição a palavrões é um processo que começa a ser construído desde a infância, com todas as instituições que cerceiam a convivência do indivíduo - educadores, família, autoridades religiosas, mídia, etc. – agindo como árbitros da boa decência. Muitos têm lembrança de serem punidos verbal ou fisicamente ao falar um palavrão (JAY, 2009; REILLY *et al.*, 2020), o que convencionaliza desde cedo uma consequência do uso da palavra tabu, moldando o afeto em relação a ela. Por isso, a educação familiar é um agente essencial na orientação da atitude linguística que uma pessoa tem sobre certas variantes. A aversão assim condicionada também seria responsável pela internalização do significado do que é tabu, que por sua vez leva a propriedades de alerta automático, que é uma resposta emocional do controle neurológico engatilhada por fatores externos (cf. perspectivas psico e neurolinguística).

São essas forças que também devem agir no desenvolvimento do monitoramento sociolinguístico quanto ao uso de palavrão. Labov (1972; 2001) descreve a variação de estilo, inicialmente, como flutuações na atenção à fala mais prestigiada. Nesse sentido, o palavrão chama atenção por ser associado a uma fala pouco monitorada, alvo de rejeição pelos interlocutores. Isso faria com que o palavrão sofra monitoramento forte dos usuários, cientes dessa possível rejeição. Por outro lado, isso explica o surgimento do palavrão na fala mais informal ou pouco

monitorada, em momentos que o falante exerce menor controle, seja por conta do engajamento de emoções fortes (i.e. agressão, raiva, ou, justamente, explosão de felicidade), seja pela informalidade da situação (i.e. conversa de bar entre amigos ou amigas). Ou seja, o conceito de variação estilística se explica não apenas por “falta de atenção”, mas também por modulações de acordo com fatores como interlocutores e a dinâmica entre eles, representação de identidade, e modelos mentais de comportamentos associados aos papéis sociais, entre outros. Neste contexto, destacamos características como religiosidade e gênero, que estão entre os aspectos identitários investigados neste trabalho.

3.1 Religiosidade

De acordo com Jay (2000), dois aspectos da vivência do indivíduo são altamente marcantes quanto à adaptação do monitoramento do uso de palavras: sua religiosidade e comportamento sexual (COWDEN; BRADSHAW, 2007). A religião é uma instituição regulamentadora de conduta social; o indivíduo busca agir, vestir-se e falar de acordo com que sua religião permite. A palavra é uma importante parcela da atuação religiosa pois é através dela que o homem se conecta com Deus e que Deus se conecta com os homens (e.g. *levar a palavra de Deus*). O conceito do tabu se estende largamente no mundo religioso pela própria essência de proibição do que é sagrado ou temido.

Estudos da psicologia social que analisam a construção de valores sociais a partir de subsistemas ideológicos propõem a existência de uma dimensão de religiosidade, associada a valores de tradição e conformidade, que está em oposição direta à dimensão de hedonismo, associado a valores de sensualidade, prazer e sexualidade. A oposição desses valores é confirmada inclusive em estudos com universitários brasileiros (GARCIA *et al.*, 2016; PEREIRA; CAMINO; COSTA, 2005; PEREIRA; TORRES; BARROS, 2004). Devido ao preconceito voltado a palavras tabu como termos vulgares e que vão na direção oposta à moralidade, pessoas mais religiosas tenderiam a se ofender mais com palavras e frequentar espaços onde essas palavras não fossem usadas. Um estudo de Oliveira (2021) mostra, por exemplo, que evangélicos no Rio de Janeiro, para conseguirem usar ofensas sem que essas recaiam sobre a sua imagem de fiel - dado que a Bíblia proíbe o uso de linguagem torpe -, utilizam termos bíblicos que, de acordo com o autor, ofenderiam da mesma maneira que

os termos utilizados de forma popular. Nesse sentido, “os evangélicos [...] apropriaram-se de termos presentes no texto sagrado e os subverteram a fim de conseguirem ofensas equivalentes sem o comprometimento de sua imagem, que pretendem ilibada e irretocável perante a sociedade.” (OLIVEIRA, 2021, p. 55; também cf. FILHO, 2014).

Confirmando essas observações mais qualitativas e a previsão de Jay (2000), o estudo normativo de Janschewitz (2008) em inglês norte-americano também mostrou uma correlação positiva entre religião e ofensividade, e uma correlação negativa entre religião e uso. Portanto, para este estudo esperamos que pessoas que se declaram mais religiosas (grau de religiosidade nas respostas do questionário variam entre *Sim*; *Sim, mas não praticante*; *Minha família sim, mas eu não*; *Não*, tendo ainda a opção *Prefiro não falar*) apresentem índices maiores de julgamentos de nível de tabu, ofensividade, valência negativa, e que, em decorrência desses julgamentos fortemente negativos, indiquem maiores níveis de alerta. Pessoas que indicam não ter religião podem querer demonstrar que rejeitam uma moralidade imposta, selecionando julgamentos maiores para uso e familiaridade, com menores índices para ofensa. Cabe dizer que esses julgamentos refletem o que os participantes desejam projetar como identidade, ou seja, isso reflete como eles monitoram linguisticamente, o que não necessariamente está conizidente com o uso linguístico real.

3.2 Gênero

Os estereótipos de gênero são elementos consideráveis para entender a percepção que o falante tem sobre palavrões. Na maior parte das culturas, espera-se que as mulheres ajam de forma mais sensível e mais comportada, o que não corresponde ao uso de termos chulos e vulgares. Em contrapartida, os homens, mais agressivos, conseguem usar palavrões para transmitir a brutalidade própria do conceito de masculinidade. Com efeito, homens são mais propensos a usar palavrões (JAY, 2009; GÜVENDIR, 2015) e a achar o uso de palavrões mais adequado do que as mulheres (KAPOOR, 2014). Alguns autores explicam esses padrões por uma questão evolutiva biológica (GÜVENDIR, 2015), outros enfatizam a construção de modelos mentais sobre o que é ser homem e ser mulher que estabelecem identidades e padrões de comportamentos esperados dentro do espaço da sociedade ocidental judaico-cristã (PINHEIRO; MENEZES; FREITAG, 2020). Um estudo

com um corpus de 48 horas de gravação de áudio de fala espontânea de 52 estudantes numa universidade norte-americana confirmou esse padrão, detectando uso de palavrão quatro vezes maior para homens comparados a mulheres (MEHL; PENNEBAKER, 2003).

O comportamento sexual também afeta a familiaridade e aceitabilidade de uso de palavras tabu. Dentro da cultura ocidental judaico-cristã, a sexualidade é cercada de proibição de modo geral, mas esse tabu social se expressa de forma diferenciada para o gênero masculino, cuja ação sexual é vista como algo intrínseco à sua natureza, e para o gênero feminino, de que se espera de receber a ação sexual de forma passiva e rejeitá-la em favor de afeto e pudor (PINHEIRO; MENEZES; FREITAG, 2020).

Por sua vez, a sexualidade é uma prática para examinar, vigiar, confessar e transformar-se em proibido. Isto é, pode-se falar sobre sexualidade, mas para proibi-la. Uma análise recente de palavras tabu da categoria partes do corpo em um dicionário informal online (no qual usuários podem sugerir entradas lexicais) apontou que, embora o número de termos associados à genitália masculina e feminina sejam iguais em número e valorização, a significação dos dois se diferencia na medida em que “inferem representações de masculinidade voltadas à liberdade sexual e representações de feminilidade voltadas à afetividade e falta de importância” (SILVA, 2022, p. 88). Outros estudos mostram que jovens e universitários, em específico, apresentam uma visão de sexualidade caracterizada por uma tensão entre tendências mais progressivas e conformistas e que uma atitude mais igualitária do moral sexual por parte das mulheres é largamente restrita àquelas de classe sociais mais favorecidas (HEILBORN *et al.*, 2006; MELLO; SOUZA; SANTOS, 2008).

Sendo o nosso grupo de participantes jovens e universitários, esperamos encontrar diferenças atenuadas entre homens e mulheres. Homens devem se sentir mais à vontade em admitir uso e familiaridade com palavra tabu, bem como apresentar menor sensibilidade a grau de ofensividade e sentir menor índice de alerta. Mulheres, em contrapartida, devem apresentar mais monitoramento, principalmente, ao admitir o uso. A separação de julgamentos de familiaridade e uso, e também entre tabu e ofensividade, permite observar julgamentos mais convencionados para a sociedade como um todo (familiaridade e tabu), e aqueles mais modulados por aspectos específicos da identidade social feminino vs. masculino (uso e ofensividade). Para valência, podemos esperar respostas um tanto contrárias, já que devido às mencionadas tendências mais

progressivas nesse grupo, os participantes podem ter avaliações menos negativas das palavras tabu, principalmente quando do campo semântico sexual. Discutiremos mais sobre o possível significado de valência e alerta, como componentes afetivos relevantes na próxima seção.

4 Perspectivas psico e neurolinguística

Algumas palavras têm a propriedade de carregar emoções (*doente, lixo*), enquanto outras descrevem emoções (*amor, ódio*) (HINOJOSA, 2020). O uso de palavrões permite que expressemos emoções das mais diversas formas: afeição quando usadas para manifestação de pertencimento cultural, prazer em momentos de intimidade sexual, descontração quando contamos uma piada, alívio da dor quando batemos o pé na quina da mesa, ou raiva durante uma briga. Elas são, portanto, palavras carregadas de emoção.

O grau de emocionalidade das palavras pode ser medido de forma bidimensional com o nível de alerta e valência (RUSSELL, 1980). Alerta se refere à intensidade de uma palavra, ao quanto ela chama a atenção, e valência é o quanto uma palavra é positiva ou negativa. O alerta (*arousal* em inglês) está associado a maior nível de atenção, muitas vezes medido em respostas fisiológicas (neurológica, resposta galvânica, dilatação de pupila), que pode estar relacionado à reação cognitiva de um indivíduo, pois palavras podem engatilhar e direcionar o processamento cognitivo a partir da exposição a um estímulo emocional (GARRETT, 2010). Já supomos que a valência esteja mais associada à dimensão afetiva das atitudes linguísticas, dado que expressa de certa forma uma grandeza de sentimento (positivo ou negativo).

A teoria NPS (JAY, 2000) propõe que o indivíduo tenha dois estados de consciência a respeito da produção de palavrões: episódios mais automáticos de xingamento, como no caso catártico, e episódios proposicionais, como em quando se conta uma história engraçada com uso de palavrões. Para atingir esse nível de consciência do uso proposicional, entende-se que o indivíduo tenha aprendido quando é o momento certo ou não de se usar um palavrão. O uso proposicional de palavrões é uma atitude linguística aprendida no decorrer da vida.

Em vez de palavrão, emoções fortes podem ser expressas por vocalizações não linguísticas, que também seguem convenções culturais (ex. *ouch, au* e *ai* são expressões esperadas para expressar dor em inglês, holandês e português respectivamente). Porém, os palavrões têm a vantagem de serem mais ricos semanticamente e de poderem indicar a

intensidade da emoção sentida. Assim, Jay (2008) propõe que o palavrão seria mais eficaz para veicular uma emoção mais forte justamente pela sua qualidade ofensiva, pois o interlocutor entende que a quebra de inibição para o uso de palavrão ocorre devido a um estado emocional alterado.

A associação entre o palavrão e seu significado emocional se internaliza conforme a criança é exposta a contextos de uso; e, na medida em que amadurecem as conexões no cérebro, crianças aprendem a sua eficiência para a expressão de emoções. Dessa forma, no núcleo das camadas sociocultural e psicológica, tem-se o controle neurológico dos processos envolvidos no uso de palavrões, que envolvem circuitos neuronais envolvidos no regulamento de emoções, como o sistema límbico, e as áreas corticais engajadas no processamento de linguagem. De acordo com Jay (2000), os sistemas psicológico, neurológico e sociocultural estão interligados e pode ocorrer de um desses sistemas ser predominante sobre outro dependendo da situação e da motivação para que o palavrão seja enunciado. Um dos mais antigos achados da literatura neurolinguística é o forte engajamento do hemisfério direito na produção de palavrão, sendo que, quanto mais proposicional o uso de palavrões, mais envolvimento adicional do hemisfério esquerdo; usos mais automáticos e impulsivos (i.e. mais reativos) ainda são caracterizados por forte engajamento do sistema límbico (VINGERHOETS *et al.*, 2013; HANSEN *et al.*, 2019; HINOJOSA *et al.*, 2020).

Como a criança desenvolve noções de semântica emocional das palavras depende, portanto, de como ela se desenvolve neurológica e psicologicamente, e da experiência que ela está vivenciando. Assim, Jay (2008) conclui que, quanto mais a criança é exposta ao uso (dela e das pessoas do seu ambiente familiar), mais ela fica condicionada a usar palavrão para expressão das suas emoções.

A dimensão cognitiva e neurofisiológica do processamento de carga emotiva das palavras tabu é atestada por vários estudos. Em trabalhos psicolinguísticos, foram atestados o aguçamento atencional ao processar palavras tabu (ANDERSON, 2005) e uma capacidade maior de lembrá-las comparadas a palavras emocionalmente neutras (JAY; CALDWELL-HARRIS; KING, 2008). De fato, palavras com carga emocional, seja positiva ou negativa, são reconhecidas mais rapidamente e com maior acurácia (CITRON *et al.*, 2013; KOUSTA *et al.*, 2009), embora um estudo recente tenha encontrado tempos de reconhecimento

relativamente mais lentos para palavrões quando comparados a palavras de carga emocional negativa (DONAHOO; LAI, 2020).

A forte resposta atencional às palavras emocionais tem sido explicada como um possível mecanismo de luta ou fuga que possibilita uma reação rápida face a possível ameaça (DONAHOO; LAI, 2020; HARRIS, 2004). Em relação a palavrões, essa ameaça pode estar relacionada à raiva (a emoção proporcionalmente mais associada ao seu uso) e/ou à monitoração interna do indivíduo quanto ao seu uso (sendo a pessoa socialmente condicionada a esperar possíveis respostas negativas dos outros ao redor). A produção de palavrões em contexto de raiva pode variar de respostas automáticas, não propositais até agressão verbal estratégica. Em uma série de estudos de *corpora*, Jay observa 64% de uso de palavrão para expressar raiva ou frustração por crianças em uma colônia de férias. Outros usos foram classificados como denotativos e comentários sobre situações (14%), piadas (12%) e expressões de surpresa (5%) ou sarcasmo (5%) (JAY, 1992). Estudos com adultos em asilos de idosos (JAY, 1996a) e clínicas psiquiátricas (JAY, 1996b) replicaram essas proporções.

Os níveis de alerta e valência associados à força da resposta emocional são capturados por julgamentos de participantes em estudos normativos e sua correlação com medidas comportamentais e neurofisiológicas são avaliadas em pesquisas psico e neurolinguísticas. Nesses estudos, o julgamento da valência costuma distinguir entre palavras positivas, neutras e negativas, enquanto as palavras tabu apresentam índices negativos fortes iguais às palavras negativas, embora às vezes com tendências a menor negatividade do que essas (DONAHOO; LAI, 2020; SENDEK, 2021). Já em relação a alerta, palavras neutras eliciam julgamentos de alerta baixos, com maiores índices para palavras emocionais (positiva ou negativa), e estudos variam nos dados referentes a palavras tabu: alguns reportam maior alerta para essas (JANSCHWITZ, 2008) e outros não (DONAHOO; LAI, 2020).

Os estudos parecem indicar que a valência é um fator relativamente mais preditor da velocidade de resposta em tarefas como decisão lexical ou aquelas que envolvem níveis supralexicais (cf. uma revisão em DONAHOO; LAI, 2020), embora a valência possa ser mais relevante em processos de compreensão do que de produção (FINKELSTEIN, 2018). Porém, enquanto as palavras tabu e as palavras emocionais negativas compartilham medidas de valência negativa, alguns linguistas sugerem que a diferença entre essas categorias é que

palavrões seriam esvaziados de conteúdo, funcionando largamente como intensificador das palavras ao redor (ex.: *um puta carro*) (POTTS, 2007; DONAHOO *et al.*, 2022). Isso pode ser verdade para alguns dos mais frequentes palavrões, mas não para todos. Outra diferença proposta é o processamento de palavrões demandar uma sensibilidade relativamente maior ao contexto sentencial e à situacionalidade que são altamente influentes na significação do palavrão, o que requer um processamento aguçado da pragmática e do nível do tabu social em questão. Esse último aspecto parece ser confirmado em estudos neurofisiológicos que mostram que comparadas a palavras neutras tanto palavras negativas quanto palavras tabu eliciam respostas neurofisiológicas fortes e imediatas, entre 250 e 550ms após a apresentação da palavra. No entanto, apenas palavras tabu demandam maior engajamento cognitivo no intervalo de tempo imediatamente posterior (550ms a 750ms) Os autores Donahoo e Lai (2020) interpretaram que a primeira resposta, mais imediata, está associada a um nível atencional aguçado devido à carga emocional de valência negativa, enquanto a resposta mais tardia estaria refletindo custos de processamento de pragmática e contexto social devido ao nível de tabu. Ambas as respostas são moduladas principalmente por valência, e, de modo menos robusto, por alerta (KANSKE; KOTZ, 2007; CITRON, 2012; CITRON; WEEKES; FERSTL, 2012). A importância do contexto social durante a aquisição de palavras tabu também foi atestada em um estudo de ERP com falantes norte-americanos que apresentaram maior ativação no intervalo mais tardio (500 a 800ms após a apresentação do palavrão)² ao lerem palavras tabu na variedade norte-americana, mas não

² Com metodologia ERP (Potencial Relacionado a Evento), podem ser coletadas assinaturas neurofisiológicas em relação ao processamento de determinados tipos de estímulo ou tarefas. O ERP de Negatividade Posterior Imediata (Early Posterior Negativity) ou EPN ganha seu nome por ser uma resposta neurofisiológica com potencial elétrico negativo que aparece de forma muito imediata, entre 200 e 300ms após o início da apresentação de estímulo e pode ser observada em eletrodos colocados nas áreas posteriores do escalpo. A amplitude da onda neurofisiológica é maior em resposta a palavras com valência positiva ou negativa, comparadas a palavras neutras em uma variedade de tarefas. Isso consolida seu status cognitivo como automático, largamente independente da tarefa, associado ao processamento implícito da carga emocional do estímulo. (CITRON, 2012). A resposta de ERP conhecida como Complexo Positivo Tardio (Late Positive Complex ou LPC) pode ser caracterizada por refletir processos mais controlados em fases posteriores de processamento, entre 500 e 800ms após a apresentação

ao lerem palavras tabu na variedade britânica, as quais eram conhecidas e cujo nível tabu era reconhecido, mas com as quais não tiveram vivências sociais (SENDEK *et al.*, 2021). Portanto, esse estudo mostra que a sensibilidade a variantes mais familiares, cujo valor social é associado à representação mental lexical e desenvolvido a partir de experiências na comunidade de fala, se evidencia não só na percepção consciente desses traços, mas também nos estágios mais imediatos e automáticos do processamento e seus reflexos neurofisiológicos.

A maioria desses estudos investiga o processamento de palavras tabu em isolamento, porém um estudo recente com contexto sentencial mostra que a força dessas respostas neurofisiológicas pode ser amenizada quando palavras tabu são apresentadas em contextos nos quais a interpretação do significado depende da sentença como todo. Porém, esse resultado talvez seja restrito, já que o experimento repetiu os mesmos 4 palavrões em várias sentenças, e ainda usou palavrão do tipo muito frequente e com maior uso como expletivo (ex. *The fucking lawyer paid the jury*; ‘o maldito advogado subornou o júri’ cf. DONAHOO; PFEIFER; LAI, 2022). Em conjunto, esses dados sugerem que para palavrões há algo na percepção que vai além das dimensões de baixa valência emocional e alto alerta, dado que estas também caracterizam palavras negativas, e que o processamento de palavras tabu se distinguiria das palavras emocionais devido a uma propriedade inerente que é a sua grande especificidade sociocultural. Com objetivo de avaliar ao que corresponde essa especificidade em termos psicolinguísticos, Janschewitz (2008) propõe analisar outras dimensões das palavras emocionais, entre elas o nível de tabu, ofensividade, familiaridade e uso. Em concordância com a literatura resenhada, esperamos que as palavras tabu se distingam das outras categorias lexicais emocionais em termos de valência (em relação à categoria positiva e neutra) e em termos de alerta palavras neutras apresentariam índices médios, palavras com valência positiva ou negativa, índices altos, possivelmente com maior índice de alerta para

do estímulo. A onda neurofisiológica que marca esse componente tem amplitude positiva maior em resposta a estímulos com valência emocional comparados a estímulos neutros, com maior saliência em eletrodos posteriores. Essa resposta neurofisiológica é sensível a tipo de tarefa e é modulada pela valência e relevância emocional dos estímulos reconhecidos pelos participantes. Em comparação ao EPN, o LPC, refletiria processamento de carga emocional de modo mais controlado e explícito (CITRON, 2012).

palavras tabu (JANSCHWITZ, 2008) ou não (DONAHO; LAI, 2020). Para ainda distinguir entre palavras negativas e tabu as outras dimensões contribuiriam, principalmente, o grau de tabu e ofensividade (ambas com expectativa de maiores índices para palavras tabu), mas também o de uso e familiaridade (com menores índices para palavras tabu).

5 O presente estudo

Esse estudo objetiva investigar o que caracteriza a categoria de palavras tabu de outras palavras emocionais, quanto às suas dimensões psicossociais relevantes, e como o perfil sociocultural dos participantes está relacionado a atitudes linguísticas frente a palavras tabu, e como essas atitudes modulam efeitos de monitoramento. Para atingir tal fim, pretendemos: (i) normatizar palavras tabu, replicando estudo de Janschewitz (2008) sobre as dimensões das palavras tabu; (ii) investigar o perfil psicossocial de quem usa palavrão; e (iii) estender a análise ao nível de percepção por influência de atitudes linguísticas e observar o quanto as reações afetivas e cognitivas estão alinhadas às reações comportamentais.

Para tanto, o estudo foi dividido em duas partes, sendo a primeira uma classificação de palavras, onde aferiu-se as dimensões das palavras para além de alerta e valência. Seguimos Janschewitz (2008) que propõe a adição de duas medidas elaboradas a partir da junção de dois julgamentos: inadequação e frequência. A medida de frequência foi produzida através dos resultados de julgamentos de uso pessoal e familiaridade, que deu uma média entre a frequência pessoal de cada indivíduo sobre o uso das palavras – indicador subjetivo – e do quão frequentemente eles encontram as palavras no dia a dia - indicador global. Os indicadores de tabu social e ofensividade foram analisados juntos, formando assim a medida de inadequação. A junção dos dois critérios se fez pertinente devido à natureza subjetiva da pergunta sobre o nível de ofensividade e a de características mais gerais como a pergunta sobre o nível de tabu social (JANSCHWITZ, 2008; JAY, 1992). A expectativa de se receber respostas diversas sobre o grau de ofensividade, dado que essa depende de fatores pessoais, não permitiria uma análise de grupo dos dados. Ao mesmo tempo, esperando que níveis de tabu social fossem ter respostas com a mesma tendência, a análise seria pouco explicativa. As seis medidas foram comparadas com as respostas das palavras emocionais

do estudo – positivas, negativas e neutras – para então identificar qual o fator responsável pela discrepância no processamento entre elas.

A segunda parte foi um curto questionário no qual foram feitas perguntas sobre os participantes em relação à sua religiosidade, ao seu costume de uso de palavrões, a propensão à ofensa em relação a palavrões e a tolerância de sua família quanto ao uso de palavrões. Esse questionário serviu para analisar de fato o perfil do falante acerca de suas atitudes e vivências em relação a palavrões. Enquanto prevemos que religiosidade, gênero e tolerância da família tenham uma relação mais claramente causal sobre o julgamento em relação ao palavrão, outras características psicossociais têm mais relação de correlação (i.e. a pessoa se ofende, então usa menos; ou, a pessoa usa menos, então se ofende mais fácil).

6 Métodos

6.1 Participantes

Foram recrutadas para o estudo 164 pessoas entre 18 e 35 anos (média=23,9 anos; DP: 6,74), nascidas e criadas na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro (M=51, F=109, outro=3, não reportado=1). Dessa amostra, foram retirados 12 participantes que não entraram em conformidade com critério de idade, lugar e/ou consistência na tarefa, ficando no total 152 respostas.

6.2 Estímulos

Quatro condições diferentes de palavras foram utilizadas nesse estudo: palavras negativas (e.g. *crime*, *funeral*), palavras neutras (e.g. *estojo*, *cabra*), palavras positivas (e.g. *bondade*, *sorvete*) e palavras tabu (e.g. *merda*, *cuzão*) (Cf. <https://osf.io/escmx/> para uma lista completa). As palavras negativas, neutras e positivas foram retiradas de dois estudos normativos de alerta e valência em língua portuguesa (KRISTENSEN *et al.*, 2011; OLIVEIRA *et al.*, 2013) que usaram a mesma escala para dividir a valência das palavras, de 1 a 9, sendo 1 muito baixo (negativa) e 9 muito alto (positiva). Foram consideradas palavras negativas todas aquelas que estivessem abaixo do nível de valência 2,57; positivas, todas as que

estivessem acima de 8,0; e neutras, todas as que estivessem orbitando 5,0 (JANSCHWITZ, 2008). As palavras tabu foram escolhidas de acordo com um questionário realizado especificamente para este estudo com finalidade de criar um inventário lexical.³

O total de 200 palavras foi controlado por categoria gramatical, sendo 32 substantivos (128), 13 adjetivos (52) e 5 verbos (20) em cada condição. Note-se que as palavras da categoria tabu são difíceis de serem classificadas quanto à sua categoria morfológica⁴ e para tanto foi necessário auxílio de dois dicionários online.⁵ Em seguida, as palavras foram divididas em 5 listas diferentes contendo 40 palavras cada uma (10 de cada categoria), de forma que nenhuma delas se repetisse. A média da frequência das palavras em cada categoria foi, em valor zipf, 4,11(DP:0,66) para palavras positivas; 3,81(DP:0,83) para palavras negativas; 3,92(DP:0,83) para palavras neutras; 2,87(DP:0,72) para palavras tabu. A análise estatística revelou que havia diferença entre a frequência das palavras nas categorias ($F(3)=23,62$, $p<0,001$), sendo que essa diferença só se manifestou significativamente entre a categoria tabu e todas as outras (Tukey: $p<0,001$), que não se distinguiram estatisticamente. Atribuímos a diferença da categoria tabu, em parte, à pouca representatividade de palavra tabu no *corpus* consultado, o que não necessariamente reflete a frequência das palavras no uso da língua.

O número médio de sílabas para cada categoria foi de 3,04(DP:0,92) para palavras positivas; 2,78(DP:0,62) para palavras negativas; 2,72(DP:0,67) para palavras neutras; e 2,70(DP:0,76) para

³ Setenta e seis voluntários ($M = 36$) responderam quais as 10 palavras tabu que lhe são mais familiares. A palavra *caralho* - do campo semântico *partes do corpo* - apareceu como a mais familiar, com 16,4% do total. A segunda palavra mais frequente, *porra* - *fluido corporal* -, aparece com 12,9% do total, seguida de *merda* com 10% do total, parte do mesmo campo semântico.

⁴ Por exemplo, ao acessar o dicionário Houaiss, a palavra vadia é catalogada como substantivo masculino (“indivíduo que não trabalha, não se empenha, não tem ocupação”) e substantivo feminino (“mulher que, sem viver da prostituição, leva vida devassa ou amoral” e adjetivo (“que não tem ocupação, trabalho, ou que nada faz”) (<https://houaiss.uol.com.br/> acessados em 01/09/2022). Ademais, palavras que pelas suas características morfológicas e semânticas são mais bem classificadas como substantivos, como *bosta*, podem ser usadas com características distribucionais adjetivais ao modificar substantivos, como em “que filme bosta!”

⁵ <https://www.dicio.com.br/> e <https://dicionario.priberam.org/>.

palavras tabu. O número médio de letras para cada categoria foi de 6,70(DP: 2,03) para palavras positivas; 6,46(DP:1,34) para palavras negativas; 6,30 (DP:1,47) para palavras neutras; e 6,20(DP:1,78) para palavras tabu. Um teste anova mostrou que as diferenças de número de sílabas entre categorias não foram significantes ($F(3)=2,176$, $p=0.09$), nem as do número de letras ($F(3)= 0,842$, $p=0.472$).

6.3 Procedimentos

O experimento foi aplicado remotamente a partir da plataforma PC IBEX (ZERH; SCHWARZ, 2018), que é uma plataforma gratuita desenvolvida para experimentos comportamentais, utilizando linguagem JavaScript. Os participantes foram comunicados dos riscos que a tarefa poderia oferecer, como cansaço e possível ofensividade, e deram seu consentimento. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRJ, IESC, em 6 de julho de 2022, CAAE nº 58346722.0.0000.5286.

A tarefa foi dividida em duas partes, sendo a primeira composta por uma reprodução de um estudo de classificação de palavras realizado por Janschewitz (2008) em língua inglesa. Como no estudo original, as respostas foram dispostas em uma escala Likert de 1 a 9 – sendo 1 o mínimo e 9 o máximo, em que 1, 5 e 9 mostravam rótulos de gradação pertinentes à pergunta sobre o julgamento de cada uma das palavras entre: i) uso pessoal, relativo à frequência individual da pessoa quanto ao uso da palavra, com grau 1 = nunca, grau 5 = às vezes, grau 9 = sempre; ii) familiaridade, relativo à frequência com a qual a pessoa avalia encontrar a palavra no dia a dia, com grau 1 = nunca, grau 5 = às vezes, grau 9 = sempre; iii) ofensividade, relativo ao quão ofensiva a palavra é para a pessoa, com grau 1 = nem um pouco, grau 5 = um pouco, grau 9 = muitíssimo; iv) tabu social, relativo a quão ofensiva a pessoa acredita que a palavra é para os outros, com grau 1 = nem um pouco, grau 5 = um pouco, grau 9 = muitíssimo; v) valência, relativo a quão positiva, negativa ou neutra a pessoa avalia a palavra, com grau 1 = negativa, grau 5 = neutra, grau 9 = positiva; vi) alerta, relativo ao quanto a palavra chama a atenção da pessoa, com grau 1 = nem um pouco, grau 5 = um pouco, grau 9 = muitíssimo; vii) imageabilidade, relativo ao quanto a palavra evoca uma imagem na cabeça da pessoa, com grau 1 = nem um pouco, grau 5 = médio e grau 9 = muito. O teste pode ser acessado em sua versão demo pelo endereço

eletrônico <https://farm.pcibex.net/r/TDWIGP/>. Por questões de relevância, neste artigo não será realizada a análise dos dados de imageabilidade.

Ao fim da classificação, a segunda parte baseava-se em um questionário com perguntas que continham respostas de múltipla escolha: 1. *Você costuma usar palavrão?*, com opções de resposta *Todos os dias*, *Com certa frequência*, *Às vezes* e *Nunca*; 2. *De modo geral, você se ofende com palavrão?* com opções de resposta *Nunca*, *Com pouca frequência*, *Com frequência* e *Sempre*; 3. *Na sua família, como era a tolerância em relação ao uso de palavrão?* com opções de resposta *Todos usavam palavrão*, *Às vezes reclamavam do uso*, *Sempre reclamavam do uso* e *Era proibido o uso, ninguém falava*; e 4. *Você é uma pessoa religiosa?*, com opções de resposta *Sim*, *Sim, mas não praticante*, *Minha família sim, mas eu não*, *Não* e *Prefiro não falar*. A motivação para as perguntas foi baseada numa perspectiva de avaliação de atitude linguística, buscando comparação entre as respostas dadas no questionário final com as respostas dadas para cada palavra isolada. Nessa lógica, a pergunta sobre uso pessoal e ofensividade foi feita duas vezes; uma durante a primeira parte da tarefa, respondida diretamente à avaliação de todas as palavras (positivas, negativas, neutras e tabu) em isolamento e outra na segunda parte da tarefa, quando a pergunta se referiu explicitamente ao contexto de palavras tabu como palavrões, eliciando uma avaliação da atitude em relação a esses de forma geral.

6.4 Análise

A primeira parte da análise teve como objetivo verificar de que modo os diferentes julgamentos são capazes de caracterizar e distinguir entre as quatro categorias de palavras previstas. Para isso, analisamos subconjuntos dos dados, separados por dimensão, com as respostas da escala Likert como dado ordinal, com efeito fixo tipo de palavra (positivo, neutro, negativo, tabu) e participante e item como fatores randômicos. Aplicamos o modelo de regressão logística de efeitos mistos para dados ordinais usando a função `clmm()` do pacote `Ordinal`, na plataforma (R Core Team, 2020), de acordo com as recomendações de Endresa e Janda (2017) para dados de escala Likert.

O mesmo método estatístico foi aplicado para analisar a influência das características socioculturais dos participantes sobre os julgamentos. Essa análise foi feita no conjunto de respostas apenas para as palavras tabu, separado em subconjuntos por tipo de julgamento testando modelos com um efeito fixo por vez (efeitos fixos: religiosidade, propensão à

ofensa a palavrão, costume de uso de palavrão, tolerância da família a palavrão e gênero) e com efeitos randômicos de participante e item. Para verificar a significância dos modelos, fizemos a comparação aninhada com modelos nulos com o teste de Likelihood ratio (doravante LRT) (CHRISTENSEN, 2018). Para facilitar a legibilidade do texto, os resultados dos LRTs são reportados para sinalizar a relevância dos efeitos fixos. Para explicar a distribuição dos julgamentos, relatamos o número de julgamentos em porcentagem para os graus relevantes da escala Likert. Para os resultados das comparações estatísticas múltiplas entre os níveis dos fatores analisados referimos às tabelas nos materiais suplementares para a verificação dos coeficientes da significância estatística. Análises de correlação foram feitas com função `cramer_v()` com pacote `rstatix` (KASSAMBARA, 2021). A visualização dos resultados foi feita com o pacote `ggplot()` (escala de Likert) e `ggcorrplot()` (análise de correlação).

7 Resultados

7.1 Resultados da normatização da categorias das palavras

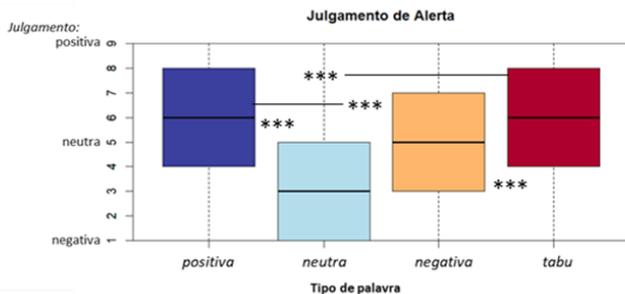
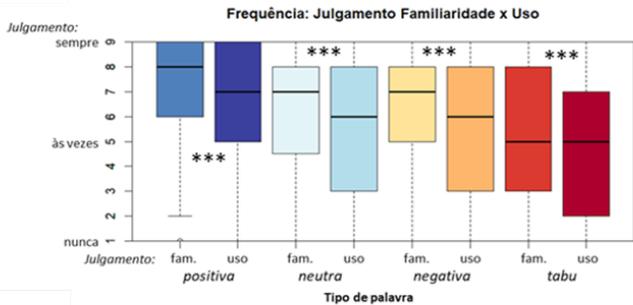
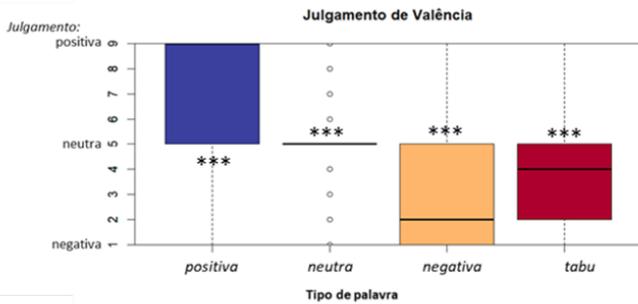
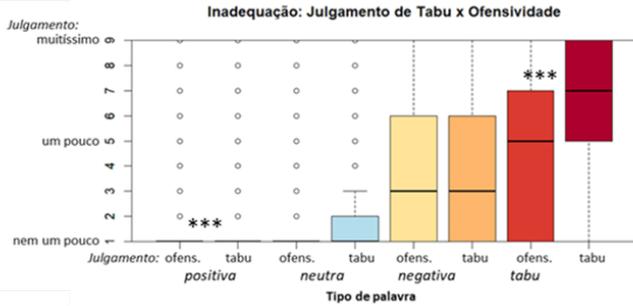
Os níveis de adequação foram significativamente maiores para a categoria de palavras tabu comparada a todas as outras ($LRT(3)=314,03$, $P<0,001$). Na Imagem 1, pode ser observado como os julgamentos de tabu social e ofensividade, cujas medidas médias compõem o índice de adequação, diferenciam entre si. Ambas são variáveis significantes (tabu social: $LRT(3)=322,39$, $p<0,001$; ofensividade: $LRT(3)=220,22$, $p<0,001$). O julgamento de tabu social foi significativamente maior para palavras tabu, comparado ao de outras categorias (tabu x neg: $z=-23,13$, $p<0,001$; tabu x neutra: $z=-22,86$, $p<0,001$; tabu x pos: $-12,27$, $p<0,001$), seguido pela categoria de palavras negativas, que por sua vez apresentou medidas estatisticamente distintas daquelas das categorias de palavras neutras e positivas (neg x pos: $z=11,92$, $p<0,001$; neg x neutra: $11,60$, $p<0,001$), que apresentaram baixíssimos níveis de tabu e entre as quais não houve diferença (pos x neutra: $0,35$, $p=0,78$). As palavras tabu também foram julgadas mais ofensivas (tabu x neg: $z=-2,59$, $p<0,01$; tabu x neutra: $z=-13,38$, $p<0,001$; tabu x pos: $-16,11$, $p<0,001$), seguidas por palavras negativas, depois as neutras e positivas, ambas com quase nenhuma ofensividade; tendo diferença significativa entre todas as

categorias (para verificar os coeficientes de todos os contrastes cf. Tabela 3 nos materiais suplementares). Portanto, de modo geral, o julgamento para tabu social foi maior que aquele para ofensividade, mas essa diferença foi significativamente mais expressiva para a categoria de palavras tabu ($z=17.86$, $p<0,001$). Devido aos julgamentos baixos de tabu, 5 palavras foram excluídas da análise posterior à influência do perfil psicossocial sobre os julgamentos (somadas nos níveis 1 a 4: *sarro* com 72,41%, *calhorda* com 68,97%, *xixi* com 62,07%, *canalha* com 55,17%, e *diacho* com 51,72%). Na discussão, exploramos os julgamentos variados em relação às palavras tabu individuais de forma mais aprofundada.

O julgamento de frequência, composto por perguntas de uso e familiaridade, mostrou um índice significativamente menor para palavras tabu ($LRT(3)=39,142$, $p<0,001$). Analisadas separadamente, observamos tendência semelhante nas variáveis significantes de familiaridade e uso (familiaridade: $LRT(3)=42,95$, $p<0,001$; uso: $LRT(3)= 35,218$, $p<0,001$), com índices significativamente menores para palavras tabu para familiaridade (tabu x neg: $z=3,16$, $p<0,01$; tabu x neutra: $z=2,94$, $p<0,01$; tabu x pos: $z=6,88$, $p<0,001$), e para uso (tabu x neutra: $z=2,64$, $p<0,01$; tabu x pos: $z=6,03$, $p<0,001$, mas não para tabu x neg: $z=1,80$, $p=0,073$). A diferença entre o julgamento para familiaridade e uso é estatisticamente distinta para todas as categorias, embora varie sua grandeza (em ordem decrescente: neg: $-10,97$, $p<0,001$; tabu: $-6,47$, $p<0,001$; neutra: $z=-6,35$, $p<0,001$; pos: $z=-6,19$, $p<0,001$).

O julgamento de valência foi maior para as palavras positivas, e menor para as palavras negativas. As palavras neutras tiveram a grande maioria (72,70%) para grau 5, indicando valência neutra. As palavras tabu receberam na sua maioria julgamentos de valência negativa, porém menos negativa que para palavras negativas (tabu x neg: $z=-5,56$, $p<0,001$), e mais negativa comparada às palavras neutras (tabu x neutras: $z=6,99$, $p<0,001$) e às palavras positivas (tabu x pos: $z=19,4$, $p<0,001$). Todas as categorias se distinguiram significativamente entre si.

Imagem 1 – Distribuição das medidas dos julgamentos de inadequação (tabu x ofensividade), valência, frequência (familiaridade x uso) e alerta para as quatro categorias de palavras emocionais (positiva, neutra, negativa e tabu)



Fonte: Elaboração própria.

O julgamento de alerta foi um preditor significativo ($LRT(3)=128.89$, $p<0,001$), com índices de alerta maiores para palavras tabu e palavras positivas, que não apresentaram diferença significativa entre si ($z=-1,58$, $p=0.11$). As palavras negativas apresentaram julgamentos médios em relação a alerta (tabu x neg: $z=-12,26$, $p<0,001$) e as palavras neutras receberam julgamentos mais baixos (tabu x neutra: $z=-3,98,39$, $p<0,001$).

7.2 O perfil psicossocial dos participantes

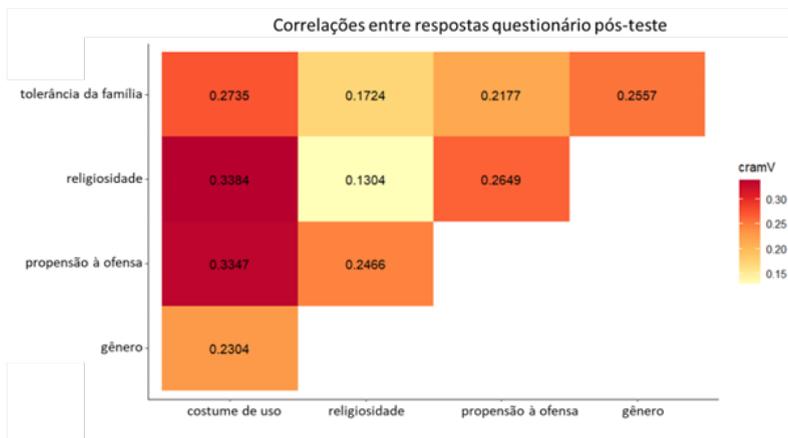
No questionário pós-teste, coletamos as seguintes características psicossociais dos participantes: *religiosidade*, *propensão à ofensa (a palavrão)*, *costume de uso (de palavrão)*, *tolerância da família (em relação a palavrão)*, e também incluímos nesses dados a resposta à pergunta feita sobre gênero antes do início do teste. As proporções das respostas em porcentagem estão apresentadas na Tabela 1. Sobre religiosidade, uma parcela considerável dos participantes se disse “não religioso”, ou que “só [a] família” é religiosa. Quase um quarto se declarou “religioso” e o restante disse ser “não praticante”. A maioria dos participantes reportou ser pouco propensa a ofensa por palavrão, enquanto uma clara minoria disse estar “sempre” ofendida. Uma parte disse “nunca” ficar ofendida (15,8%). Os índices de uso são um pouco mais distribuídos: quase metade dos participantes selecionou a opção “diariamente” para costume de uso, seguido por “às vezes”, frequentemente e “nunca”. As análises de correlação, que são visualizadas na Imagem 2, indicaram que há uma leve correlação entre religião e uso, e entre propensão à ofensa e uso ($r: 0,338$ e $0,335$, respectivamente), no sentido de que há uma tendência de quanto menos religioso e mais ofendido, menor o uso de palavrão. Há outras correlações entre as respostas, mas elas são mais brandas ainda. Os participantes indicaram com maior índice que na família “às vezes reclamavam” do uso de palavrão, seguido por “uso livre” da parte da família e aproximadamente um quinto relatou proibição ou que “sempre reclamavam”. O gênero relatado foi de maioria feminino.

Tabela1 - Proporção das respostas do questionário final e do gênero dos participantes

Religiosidade	%	Propensão à ofensa	%	Costume de uso	%	Tolerância da família	%	Gênero	%
Não religioso	36,2	Sempre	5,92	Diariamente	42,1	Proibido	19,7	Feminino	67,8
Só família	19,1	Frequentemente	10,5	Frequentemente	17,1	Sempre reclamavam	18,4	Masculino	30,3
Não praticante	19,1	Pouco	67,8	Às vezes	24,3	Às vezes reclamavam	38,2	Outro	1,97
Religioso	24,3	Nunca	15,8	Nunca	16,4	Uso livre	23,7		

Fonte: elaboração própria.

Imagem 2 – Correlação obtida com análise Cramer_v (índice de correlação de 0 a 1) entre as respostas dadas no questionário pós-teste



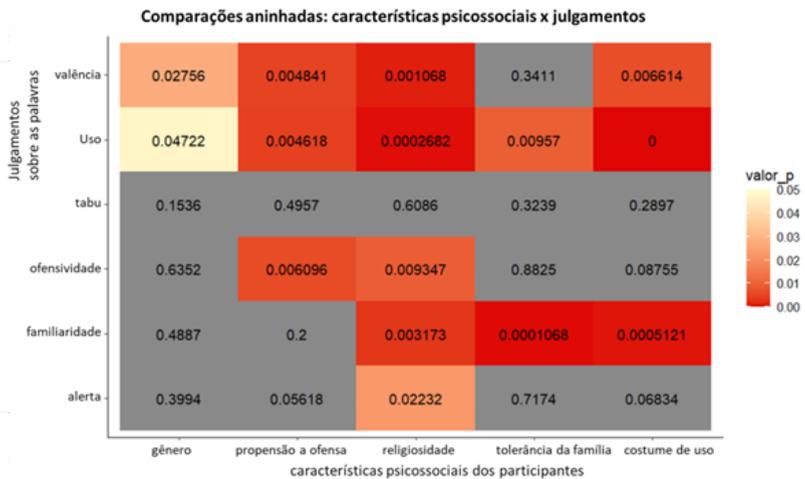
Fonte: elaboração própria.

7.3 Influência das características psicossociais sobre a percepção das palavras tabu

Apresentamos agora a análise do efeito das características psicossociais sobre os julgamentos das dimensões feitas sobre as palavras tabu. Na Imagem 3, são apresentados os valores p resultantes da comparação aninhada entre os modelos (por fator psicossocial) e o modelo zero para cada tipo de julgamento. Essas comparações mostram que o fator psicossocial com maior impacto é a religiosidade, que influencia todos os julgamentos menos o de tabu social (ofensividade: (LRT(3)=11,49, p<0,01; uso: LRT(3)=19,04, p<0,001; familiaridade: LRT(3)=13,81, p<0,01; alerta: LRT(3)=9,60, p<0,05; valência: LRT(3)=16,13, p<0,01). De

impacto moderado, são o costume de uso e a propensão de ofensa, ambos influenciam a valência (costume de uso sobre valência: $LRT(3)=26,76$, $p<0,001$; propensão de ofensa sobre valência: $LRT(3)=12,91$, $p<0,01$). Ademais, costume de uso correlaciona, como esperado, com os julgamentos de uso e familiaridade (uso: $LRT(3)=59,32$, $p<0,001$; familiaridade: $LRT(3)=17,68$, $p<0,001$), e a propensão à ofensa com o julgamento de ofensividade ($LRT(3)=26,93$, $p<0,001$). Os fatores psicossociais de menor impacto são tolerância da família e gênero, dos quais o primeiro resulta em modelos mais significativos para os julgamentos de uso e familiaridade (uso: $LRT(3)=11,44$, $p<0,01$; familiaridade: $LRT(3)=20,97$, $p<0,001$), e o segundo para julgamentos de valência e uso (valência: $LRT(1)=2,22$, $p<0,05$; uso: $LRT(1)=3,94$, $p<0,05$). Nas seções a seguir, apresentamos os detalhes da análise por fator psicossocial.

Imagem 3 – Plotagem da significância estatística (valor p) das comparações aninhadas entre os modelos (julgamento ~ fator psicossocial) e modelos nulos (julgamento ~ 1), indicativa da significância de cada característica psicossocial em relação aos julgamentos



Fonte: elaboração própria.

7.3.1 Religiosidade

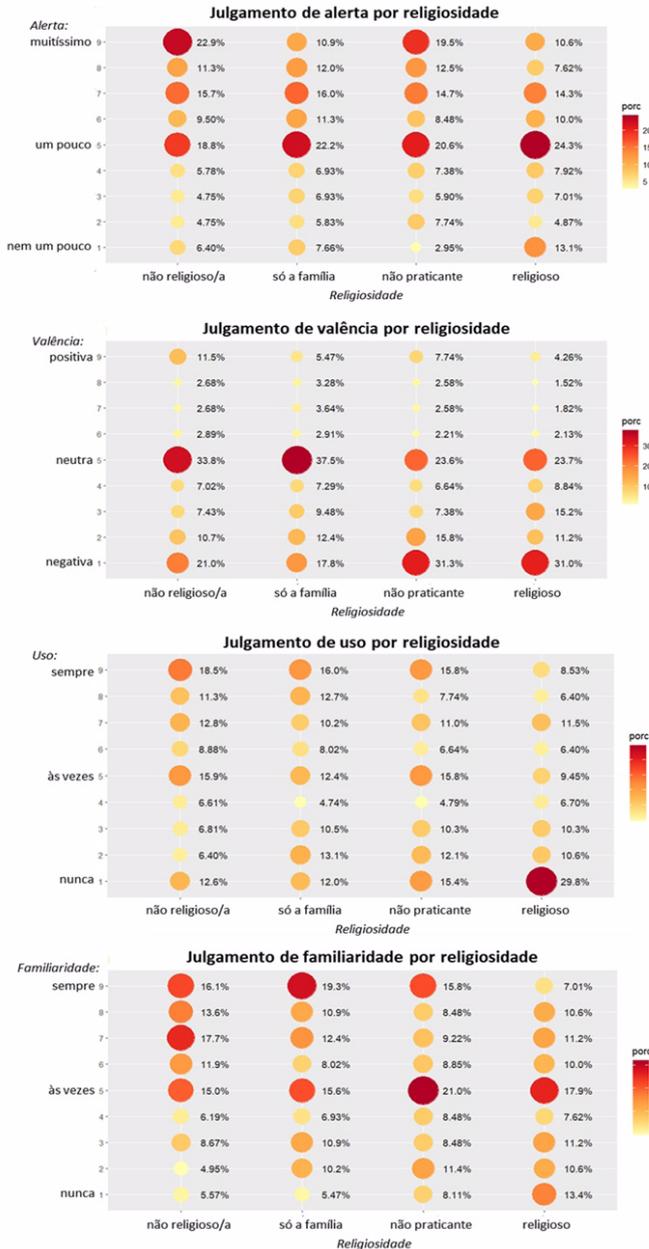
O efeito do grau de religiosidade reportado pelos participantes no questionário pós-teste não foi um preditor significativo do julgamento tabu ($LRT(3)=1,829$, $p=0,609$). Todos os participantes selecionaram

majoritariamente 9 (=muitíssimo) para tabu, variando entre 32,3% e 35,12%, (Cf. Tabela 4 nos materiais suplementares para verificar todas as porcentagens). Porém, o grau de ofensividade julgado para as palavras foi significativamente influenciado pela religiosidade dos participantes (LRT(3)=11,49, $p<0,01$) (ver Imagem4). Os participantes não religiosos ou aqueles que indicaram que só a família é religiosa apresentaram maior julgamento para nem um pouco ofensivo (=grau 9), com 33,26% e 30,29%, respectivamente. Os participantes religiosos não praticantes e os religiosos se distinguiram significativamente desses e atribuíram porcentagens mais uniformemente distribuídas sobre os nove graus, com porcentagens relativamente maiores que os outros participantes para muitíssimo ofensivo (19,19% e 15,8%, resp., vs. 12,1% e 9,85% para grau 9).

Religiosidade também foi um preditor de julgamentos de uso (LRT(3)=19,04, $p<0,001$), com significativamente menor uso por participantes religiosos, que indicaram com 29,88% nunca (=grau 1) usarem as palavras tabu, comparados a 15,50%, 12,04% e 12,60% para as respostas dos grupos “não praticante”, “só a família” e “não religioso”, respectivamente. Esses grupos não apresentaram diferenças significativas nos julgamentos entre si. Religiosidade também afetou familiaridade (LRT(3)=13,812, $p<0,01$), de modo geral com maiores porcentagens para graus 5 a 9, comparado aos julgamentos de uso. O grupo de religiosos indicou ter significativamente menor familiaridade, com apenas 7,01% de familiaridade no grau 9 (=sempre), comparada a 16,12% e 19,34% para os não religiosos, ou o grupo só a família, enquanto o grupo não praticante apresentou maior proporção de respostas para grau 5 (=às vezes), com 21,03% (ver Imagem4). Religiosidade influenciou o julgamento de alerta (LRT(3)=9,598, $p=0,0223$) moderadamente, com participantes religiosos atribuindo significativamente *menor* alerta às palavras tabu que participantes não religiosos ou não praticantes. Os não religiosos e não praticantes atribuíram relativamente maior porcentagem ao grau 9 (=muitíssimo), com 22,93% e 19,56%, resp., enquanto religiosos e o grupo só família selecionaram com maior porcentagem o grau 5 (=pouco), com 24,39% e 20,6%, resp. (ver Imagem 4).

O julgamento de valência também foi afetado pela religiosidade (LRT(3)= 16,127, $p<0,01$) com julgamentos de valência significativamente mais negativos por participantes religiosos (31,0% para grau 1) e não praticantes (31,36% para grau 1) comparados aos julgamentos dos , participantes não religiosos (21,07% para grau 1) e grupo só família (17,88% para grau 1), os quais apresentaram a maior porcentagem para grau 5 (=neutra) (33,88% e 37,59%, resp.) (ver Imagem 4).

Imagem4 – Porcentagens de julgamentos (1 a 9) para ofensividade, valência, familiaridade e uso por grupo de religiosidade (não religioso; só a família; não praticante; religioso). Tons e tamanho do círculo indicam diferenças na porcentagem do nível da escala de Likert selecionado



Fonte: elaboração própria.

7.3.2 Propensão à ofensa ao palavrão

A propensão à ofensa por palavrão indicada pelos participantes não foi um preditor significativo do julgamento tabu ($LRT(3)=2,389$, $p=0,498$). Todos os participantes tiveram maiores porcentagens para a opção 9 (=muitíssimo), com 28,77%, 34,15%, 38,31% e 39,02% para quem “nunca” se ofende, “pouco” se ofende, “frequentemente” se ofende, e “sempre” se ofende, respectivamente (cf. Tabela 5 nos materiais suplementares para verificar todas as porcentagens). No entanto, houve a correlação esperada entre os julgamentos de ofensividade das palavras tabu individuais e a propensão à ofensa autodeclarada ($LRT(3)=26,82$, $p<0,01$). Isso se refletiu em uma tendência maior a julgar como “muitíssimo” ofensivas as palavras tabu por participantes que se declararam “frequentemente” ou “sempre” ofendidos por palavrão, com 24,68% e 32,93%. Numa tendência inversa, participantes que se diziam com zero (“nunca”) ou pouca propensão à ofensa selecionaram predominantemente a opção “nem um pouco” (=1), com 43,84% e 24,61%, respectivamente. A diferença entre os com zero propensão à ofensa e todos os outros foi significativa. Também houve um efeito significativo sobre o uso ($LRT(3)=009$, $p<0,01$), no sentido de que os participantes sempre e frequentemente ofendidos por palavrão indicaram usar significativamente menos (com 32,47% e 32,93%, resp., para opção (“nunca”) do que aqueles com zero ou pouca propensão à ofensa (que selecionaram com 17,35% e 15,85% a opção “sempre”). De modo geral, as pessoas mais propensas a ofensa foram mais categóricas no seu julgamento de uso (i.e. pouco a nunca para qualquer palavra tabu), enquanto para os outros grupos (de nunca ou pouca propensão à ofensa) as respostas eram mais distribuídas entre as opções 1-9, ou seja, para eles o uso parece depender de cada palavra individual sendo julgada. Em contrapartida, o julgamento de familiaridade foi semelhante para todos os respondentes ($LRT(3)=4,6418$, $p=0,2$) com julgamentos maiores para grau 5 (=às vezes), variando de 16,85% a 18,83%, confirmando que essa medida é menos sensível a características subjetivas do a medida de uso.

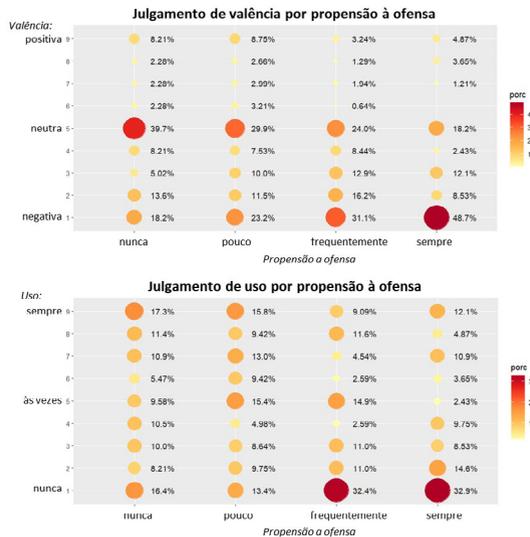
O nível de alerta para cada palavra tabu não foi significativamente influenciado pela propensão à ofensa ($LRT(3)=7,55$, $p= 0,0562$). De modo geral, houve uma leve tendência de atribuir níveis maiores de alerta (somando as porcentagens de 1-4 e de 6-9: 21,06%<55,76%, para “pouco” ofendidos; 25,32%<50,65%, para “frequentemente” ofendidos; e

36,59% < 50,0%, para “sempre” ofendidos), exceto para os participantes “nunca” ofendidos, (42,92% para graus 1-4 e 6-9).

Já o julgamento da valência foi dependente da propensão à ofensa (LRT(3)=12,907, $p < 0,01$), no sentido de que quanto maior a propensão à ofensa, mais negativas foram julgadas as palavras tabu, variando em proporção da resposta negativa máxima (=1) de 48,78%, 31,17%, 23,28%, e 18,26%, sendo que os com zero e pouca propensão à ofensa se agrupam no comportamento e se diferenciam estatisticamente dos que são frequentemente e sempre propensos a ofensa. Também houve uma parcela significativa de escolhas de valência neutra (=5), mas essa resposta justamente era selecionada mais, quanto menos propensão à ofensa, variando entre 18,29%, 24,03%, 29,93%, 39,73%.

Ou seja, quanto maior a propensão à ofensa, menor o uso, e mais negativamente é julgada a valência. Participantes foram consistentes nos seus julgamentos de ofensividade, independentemente de o julgamento recair sobre palavras tabu de forma implícita (durante o teste) ou explícita (no questionário pós-teste).

Imagem5 – Porcentagens de julgamentos (1 a 9) para valência e uso por grupo de propensão à ofensa a palavra (nunca; pouco; frequentemente; sempre). Tons e tamanho do círculo indicam diferenças na porcentagem do nível da escala de Likert selecionado



Fonte: elaboração própria.

7.3.3 Costume de uso de palavrão

Todos os participantes julgaram de forma semelhante a maioria das palavras na categoria tabu como “muitíssimo” (=9) tabu, variando entre 29,49% e 35,82% para todas as frequências de costume de uso (LRT(3)=3,751, $p=0,290$). O costume de uso de palavrão também não influenciou de forma significativa o julgamento de ofensividade (LRT(3)=6,55, $p=0,0876$), embora tenha havido uma tendência de, quanto maior o costume de uso, menor o grau de ofensividade (com 29,62% para “nem um pouco” ofensiva (=1), para usuários diários vs. 17,62% para quem usa “nunca”), e quanto menor costume de uso, maior a ofensividade (com 19,82% a opção “muitíssimo”, para quem “nunca” usa vs. 12,6% para usuários diários).

Os julgamentos de uso foram altamente correlacionados com o costume de uso de palavrão relatado (LRT(3)=59,32, $p<0,001$). Quanto maior o costume de uso, maior o julgamento de uso das palavras tabu (22,12% para grau 9 para usuários diários; 15,81%, para usuários frequentes; 9,74%, para quem usa “às vezes”; e 5,73% para quem “nunca” usa). No mesmo sentido, quem menos tem costume de usar palavrão mais julga “nunca” usar as palavras tabu (40,97% para 9 (=nunca) para quem “nunca” usa, e 20,34% para quem usa “às vezes”). Houve significância estatística entre os usuários mais frequentes e os mais raros (i.e. “diário” e “frequente”, por um lado, e “às vezes” e “nunca”, por outro).

Os julgamentos de familiaridade foram mais semelhantes entre diferentes tipos de usuários, com exceção dos participantes que costumam “nunca” usar (LRT(3)=17,68, $p<0,001$). De modo geral, os participantes julgaram ter familiaridade com as palavras tabu, com porcentagens somadas dos índices 6-9 (mais que “às vezes”) maiores que as de 1-4 (menor que “às vezes”): 55,03%>29,80% (usuários diários), 53,85%>24,36% (usuários frequentes), e 50,43%>33,81% (usuários ocasionais). Porém, os que declararam nunca usar palavrão apresentaram a tendência contrária, com significância estatística, com porcentagens somadas maiores para índices 1-4, com 51,54%, do que para índices 6-9, com 29,52%.

Os julgamentos de alerta não sofreram influência de forma significativa do fator costume de uso (LRT(3)=7,1142, $p=0,0683$), apresentando maior número de julgamentos para “um pouco” (=5) para todos os participantes, com porcentagens variando de 20,51% a 22,06%. No entanto, o costume de uso influenciou o julgamento da valência (LRT(3)=26,759, $p<0,001$), refletindo que quanto menor o costume de uso,

mais negativa a avaliação das palavras (ex. para grau 1: 38,33% para os que “nunca” usam; 26,36% para os que usam “às vezes”; 21,57% para os que usam “frequentemente”, e 17,09% para os usuários diários). Usuários frequentes e diários atribuíram maior número de julgamentos para opção 5 (=neutro), com 33,33% e 34,19%, respectivamente (ver Imagem 6).

Portanto, o julgamento de frequência de uso das palavras tabu na tarefa sem indicação explícita da categoria da palavra correlacionou com costume de uso de palavrão reportado no pós-teste. No julgamento de uso, o grupo que relatou “nunca” usar palavrão se distinguiu de modo mais categórico dos outros grupos do que no julgamento de familiaridade, o que novamente sugere que esses julgamentos envolvem graus de subjetividade diferentes. Ainda, ficou claro que quem menos usa palavrão tem julgamento de valência mais negativa das palavras tabu.

Imagem 6 – Porcentagens de julgamentos (1 a 9) para valência por grupo de costume de uso de palavrão (diariamente; frequentemente; às vezes; nunca). Tons e tamanho do círculo indicam diferenças na porcentagem do nível da escala Likert selecionado



Fonte: elaboração própria.

7.3.4 Tolerância da família em relação a palavrão

O grau atribuído ao julgamento tabu não foi significativamente influenciado pela tolerância da família em relação a palavrão (LRT(3)=3,476, p=0,324). Todas as categorias atribuíram porcentagem máxima ao grau 9 (=muitíssimo) para tabu social, variando entre

30,48% e 37,39%. Tampouco o julgamento de ofensividade sofreu influência significativa pelo fator tolerância ($LRT(3)=0,660$, $p=0,883$), com porcentagens máximas muito semelhantes entre os grupos para o grau 1 (=nem um pouco), variando entre 25,0% e 27,95%. Embora os participantes com proibição ao palavrão na família atribuíssem maior ofensa (20,45% para “muitíssimo”) que os outros grupos(entre 10,87% e 13,45% para “muitíssimo”), essa tendência não foi significativa.

Já sobre os julgamentos uso e familiaridade, a tolerância na família foi um preditor significativo (uso: $LRT(3)=11,44$, $p<0,01$; fam: $LRT(3)=20,971$, $p<0,001$). O grupo com proibição ao palavrão no ambiente familiar relatou significativamente menos uso de palavra tabu que os grupos. Eles apresentaram as porcentagens somadas para 1-4 (menor que “às vezes”) maiores do que as para 6-9 (maior que “às vezes”), com 53,16% vs.31,22%. Essa diferença se inverte para os outros grupos com valores significativamente distintos de 39,48% vs. 48,31 (“sempre reclamavam”), 38,64% vs. 47,54% (“às vezes reclamavam”) e, com diferença menor, 40,99% vs. 46,25%, para o grupo cuja família permitia o “uso livre”. Ou seja, esses grupos relatam justamente um uso médio gradativamente maior. Os julgamentos de familiaridade mostram uma tendência semelhante, com menor familiaridade para o grupo que relata a proibição (46,48%, menor que “às vezes” vs. 33,83% maior que “às vezes”) , e o inverso para os outros grupos, indicando uma familiaridade maior. O grupo que relata “uso livre” apresenta relativamente diferença maior entre familiaridade acima de “às vezes”, com 59,94% (para graus 6-9) vs. 23,6% (para graus 1-3). Os outros grupos apresentaram 48,74% vs. 33,6% (“sempre reclamavam”) e 51,14% vs. 32,76% (“às vezes reclamavam”) de porcentagens somadas para maior e menor familiaridade, respectivamente.

A tolerância da família não foi um fator significativo para o julgamento de alerta ($LRT(3)=1,350$, $p=0,717$), nem para o julgamento de valência ($LRT(3)=3,347$, $p=0,341$). De modo geral, os julgamentos mais representativos foram os de 5 (=um pouco), com porcentagens variando entre 19,88% e 24,79%. Quanto maior a restrição da tolerância na família, mais negativa a avaliação das palavras tabu. O grupo que relatou proibição apresentou 33,83% para grau 1 (=negativa), seguido por 26,40% para o grupo de “uso livre”, e 21,40% e 20,59% para os grupos cujas famílias reclamavam “às vezes” ou “sempre”, respectivamente. Contudo, essas diferenças não distinguiram os grupos de forma significativa.).

Em suma, a experiência de menor tolerância da família em relação a palavrão se correlaciona com julgamentos de uso e familiaridade de palavras tabu relativamente menores, principalmente para o grupo que relata proibição.

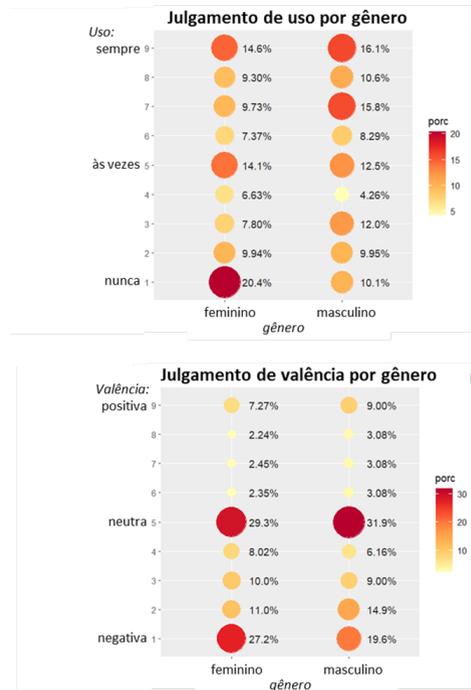
7.3.5 Gênero

O conjunto de participantes contou com 46 pessoas de gênero masculino, 103 de gênero feminino e 3 pessoas que indicaram como gênero “outro”. Na análise de efeito de gênero sobre os julgamentos das palavras tabu não incluímos os participantes que selecionaram “outro” por conta do baixo número de representantes deste grupo. O julgamento de nível de tabu social não foi estatisticamente diferente entre as pessoas de gênero masculino e feminino ($LRT(1)=2,036$, $p=0,154$). Os participantes de gênero feminino selecionaram com maior número o grau máximo de tabu (“muitíssimo” tabu=9), com 36,47%, comparado aos homens, com 28,67%. Porém, em média, ambos selecionaram porcentagens somadas semelhantes para as opções 6-9 (74,01% e 71,09%). Os julgamentos de ofensividade também foram semelhantes entre os grupos ($LRT(1)=0,225$, $p=0,635$), com maior porcentagem para a opção 1 (=nem um pouco), com 26,84% e 23,93% para os participantes de gênero feminino e masculino, respectivamente. As outras opções foram selecionadas de acordo com uma distribuição equilibrada entre as opções, variando entre 6,16% e 15,40%.

Os julgamentos de uso sofreram uma leve influência do fator gênero ($LRT(1)=3,938$, $p<0,05$), que reflete principalmente na escolha proporcionalmente maior pelos participantes de gênero feminino para a opção “nunca” para uso com 20,43% comparado a 10,19% pelos participantes de gênero masculino (ver Imagem 7). Já não houve diferença nas respostas em relação à familiaridade ($LRT(1)=0,479$, $p=0,489$), para a qual ambos selecionaram a opção 5 relativamente mais (17,22% e 16,82%). O preditor alerta também não apresentou significância ($LRT(1)=0,71$, $p=0,399$), com maior número de respostas para opção 5 (=um pouco), com 22,57% e 18,25%. No entanto, a valência foi julgada de forma levemente distinta ($LRT(1)=4,855$, $p<0,05$), no sentido de que todos os participantes apresentaram número de seleção semelhante para opção “neutra” (=5), com 29,30% e 31,99%, enquanto divergiram na opção mais negativa (=1), com 27,27% de respostas para os participantes de gênero feminino e 19,67% para participantes de gênero masculino (ver Imagem7).

Em suma, o julgamento de uso indicou maior tendência a negar o uso para participantes de gênero feminino, bem como uma maior valência negativa para palavras tabu. A ausência do efeito de gênero sobre familiaridade indica a diferença qualitativa dos julgamentos uso e familiaridade.

Imagem 7 – Porcentagens de julgamentos (1 a 9) para uso e valência por gênero. Tons e tamanho do círculo indicam diferenças na porcentagem do nível da escala de Likert selecionado



Fonte: elaboração própria.

8 Discussão

8.1 A classificação das categorias de palavras

Apesar de os participantes não receberem instrução explícita que julgariam palavras tabu durante a tarefa, eles julgaram as palavras

dessa categoria como mais ofensivas e com maior grau de tabu social comparadas às outras, corroborando os resultados de outros estudos normativos (DONAHOO; LAI, 2020; ANSCHEWITZ, 2008; SENDEK *et al.*, 2021). Uso e familiaridade também foram mais baixos para palavras tabu. A frequência de uso das palavras foi medida através de uma média entre os julgamentos sobre o uso pessoal e a familiaridade. Replicamos os menores índices de familiaridade e uso encontrados para palavras tabu por Janschewitz (2008), com relativamente maior familiaridade que uso. Isso confirma que o julgamento de uso provavelmente é de natureza mais subjetiva. Ainda, as nossas análises acusaram a correlação negativa entre frequência e inadequação, com menor tendência a usar aquelas palavras julgadas mais inadequadas, como previsto por Jay (1992) e Janschewitz (2008). Porém, essas correlações foram fracas, até não significativas para familiaridade x tabu (uso x tabu: $r=-0,118$, $p<0,001$, uso x ofensividade: $r=-0,139$, $p<0,001$; familiaridade x tabu: $r=-0,135$, $p<0,001$, $p=0.963$). De fato, as palavras da categoria negativa foram as que receberam o julgamento mais baixo em frequência em comparação com as palavras das outras categorias, seguida de palavras tabu. Esse resultado diverge do obtido por Janschewitz (2008), que encontrou menor frequência na categoria tabu.

No nosso estudo, as medidas de valência das palavras tabu ficaram entre as palavras neutras e as negativas. Isso foi observado como tendência em outros estudos, sem, no entanto, alcançar significância estatística que obtivemos em nosso estudo (DONAHOO; LAI, 2020; JANSCHWITZ, 2008; SENDEK *et al.*, 2021). Ou seja, parece que a valência é uma medida classificatória das palavras tabu (i.e. menor, que neutras e positivas, maior que negativas), porém, os índices possivelmente variam em função de outras características das palavras tabu (ofensividade, campo semântico, etc.).

Esperava-se que os julgamentos para ofensividade, uso e valência fossem estar menos homogêneos, já que estariam mais sujeitos a subconvenções da identidade sociocultural do participante, enquanto os outros julgamentos - tabu social, alerta e familiaridade - retornassem valor mais genérico. Com efeito, os julgamentos mais propensos à subjetividade do participante foram ofensividade, uso e valência, já que apresentaram maior heterogeneidade entre participantes nos julgamentos. Contudo, percebemos que pode ter havido uma atribuição mais extensa do que propusemos à classificação de alerta. No treinamento, os participantes foram instruídos a pensar em nível de alerta como o quanto

a palavra chamava sua atenção (ANDERSON, 2005) e o quão inclinado ele seria a lembrar dela após o término da tarefa (JAY *et al.*, 2008). Ao contrário do esperado - que os participantes pudessem reportar alerta maior para as palavras tabu e negativas por conta de suas características -, a categoria positiva obteve um alto nível de alerta, indo em direção oposta à literatura que atribui níveis de alerta mais baixos a palavras positivas (OLIVEIRA *et al.*, 2013), e maior alerta para palavras tabu (JANSCHWITZ, 2008) ou para palavras tabu e negativas (DONAHOO; LAI, 2020). É possível que os participantes tenham conferido a alerta uma interpretação mais positiva, já que estímulos positivos também tendem a ser mais memoráveis. A dimensão valência x alerta também não parecia intuitivamente suficiente para explicar como palavras altamente negativas com alto nível de alerta (e.g.: *crime*) são percebidas de forma diferente de palavras tabu, também altamente negativas e com nível alto de alerta.

De fato, as classificações mais relevantes para explicar essa diferença foram ofensividade e tabu social, que, juntas, formam a medida de inadequação. Enquanto as categorias positiva e neutra não mostraram efeitos de inadequação, as palavras negativas e tabu apresentaram níveis significativos para o efeito, com as palavras tabu expressivamente mais inadequadas do que as negativas. A adequação tem alto valor social e é justamente esse valor o indicador de se uma palavra tabu vai ser dita, se cabe ao momento, como aprendemos a medir no decorrer da vida (JAY, 2000). A distinção entre o que tem valência negativa e o que é inadequado encontrada no nosso estudo encontra respaldo em pesquisas neurolinguísticas que apontam uma dissociação temporal no processamento de palavras negativas e palavras tabu: grau de alerta e captura atencional provocam respostas neurofisiológicas fortes e imediatas para palavras negativas e tabu, enquanto uma resposta neurofisiológica significativa mais tardia é modulada por emocionalidade e fatores sociais, pertinentes a um nível de inadequação - resposta social - no processamento de palavras tabu (para uma revisão cf. HINOJOSA *et al.*, 2020; SENDEK, 2022).

8.2 Percepções das palavras tabu

Das 50 palavras tabu selecionadas de um questionário (Cf. seção sobre estímulos, 6.2), cinco foram retiradas da análise por não atingirem os critérios considerados (respostas grau 6+ em tabu social): *calhorda*, *canalha*, *diacho*, *sarro* e *xixi* (ver Imagem 8).

Especulamos que o nível de familiaridade foi o grande fator para *canalha*, *calhorda* e *sarro* não atingirem o nível tabu esperado. *Calhorda* e *sarro* foram as palavras com os julgamentos mais baixos de familiaridade, e *canalha* apresentou familiaridade mais baixa que a média. Avaliamos que possa ter havido esvaziamento de sentido devido à baixa familiaridade.

O vocábulo *xixi* obteve familiaridade altíssima; no entanto, o grau de tabuísmo não se mostrou satisfatório, e especulamos que seja devido à preferência pelo uso de *xixi* (uso pessoal 65,51% no grau 9 “sempre”) ao invés de *mijar* (12,9% de uso pessoal no grau 9), itens semanticamente relacionados, mas com cargas de tabu social distintos. *Diacho* também obteve baixa familiaridade. Em comparação com *diabo*, todavia, vê-se que as diferenças socioculturais podem ter sido relevantes para que o vocábulo não tenha atingido nível de tabuísmo (SOUTO MAIOR, 1992): *diabo*, mais utilizado no Rio de Janeiro, obteve 54,82% de familiaridade mais alta, e mostrou julgamento satisfatório de tabuísmo.

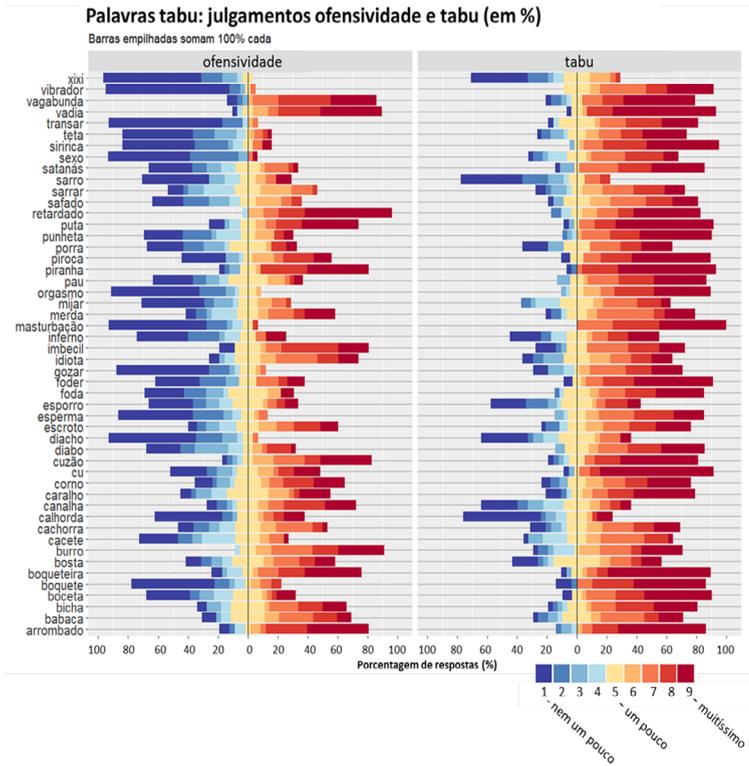
Dentre as palavras tabu, algumas alcançaram nível de valência positiva, com nove delas atingindo porcentagem considerável no grau 9 (=positiva): *transar*, *sexo*, *orgasmo*, *gozar*, *siririca*, *teta* e *masturbação*. Além disso, à exceção de *transar* e *sexo*, as sete palavras restantes ainda receberam maior julgamento no grau 5 (=neutra), juntamente com *vibrador*, *pau* e *boceta*. Janschewitz (2008) obteve resultados similares, pois as dez palavras mais positivamente valentes da categoria tabu em seu estudo foram todas de semântica sexual. Esse resultado pode ser possivelmente explicado pela atitude familiar a palavrão reportada pelos participantes do nosso estudo. De acordo com Jay (2000), a atitude sexual do indivíduo é um dos fatores mais importantes para determinar seu comportamento em relação a palavrões. Muito da repressão sexual de um indivíduo é adquirida no seio da família; pais que são reprimidos sexualmente tendem a passar essa mesma visão para seus filhos (JAY, 2000). A maior parte da nossa amostra reportou que a tolerância da família ao uso de palavrões era de livre a moderada (61,84%), mostrando a tendência desses participantes a apresentar uma atitude sexual mais positiva, o que se refletiu no julgamento de valência das palavras tabu reportadas. Outros aspectos que podem ter influenciado neste sentido é a idade relativamente nova dos participantes (média=23,9 anos; DP: 6,74) e o fato de terem crescido no ambiente urbano, convivendo em ambiente universitário; todos os fatores correlacionados com atitudes relativamente mais progressivas e igualitárias em relação à sexualidade

(HEILBORN *et al.*, 2006; MELLO; SOUZA; SANTOS, 2008). Algumas palavras tabu foram mais ofensivas do que outras. *Retardado* foi a palavra tabu considerada mais ofensiva. Os participantes também reportaram não usar essa palavra, com baixos julgamentos para uso pessoal. O alto nível de ofensividade possivelmente se dá devido à palavra estar associada a preconceito contra pessoas atípicas (*retardado mental*) e possa haver uma convencionalização social quanto a não usar termos dessa natureza.

Arrombado foi a segunda palavra mais ofensiva. Como a amostra foi composta de pessoas nascidas e criadas na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, *arrombado* é um termo geralmente usado no masculino que pode significar: 1. “[p]essoa que possui o ânus alargado devido à excessividade da prática do sexo anal”; 2. “[n]a gíria carioca significa: pessoa escrota; vacilão; otário”⁶. *Piranha* e *vadia* somam igualmente 71,43% cada entre graus 8 e 9, e *boqueteira* vem em seguida com 59,26% nos mesmos graus. *Arrombado*, *piranha*, *vadia* e *boqueteira* têm em comum o fato de serem ofensas que atingem a honra e a reputação da pessoa; estão ligadas à quantidade (elevada) de parceiros sexuais que o ofensor determina que o ofendido tem, e isso é visto com maus olhos na sociedade judaico-cristã (PINHEIRO; MENEZES; FREITAG, 2020). Sabendo-se que grupos religiosos são em sua maioria aqueles que têm certa aversão à homossexualidade e visto que a amostra é em grande parte não religiosa e tem comportamento sexual positivo (atestado pela valorização positiva das palavras do campo semântico sexual), a alta ofensividade do termo *arrombado* extravasa a capacidade explicativa da amostra e especula-se que esteja associada ao preconceito arraigado socialmente contra homens homossexuais.

⁶ Definição retirada de Dicionário Informal, disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/arrombado/> [acesso em 27 de agosto de 2022].

Imagem 8 – Porcentagens de julgamentos (1 a 9) para tabu social e valência por palavra individual na categoria tabu. O comprimento da barra nas cores correspondentes à legenda indica a porcentagem de julgamentos nos níveis 1 a 9 da escala de Likert, para níveis abaixo de 5 em tons de azul e para acima de 5 em tons de laranja e vermelho



Fonte: elaboração própria

8.3 Efeito de religiosidade sobre a percepção das palavras tabu

Em geral, a avaliação do que é considerado tabu foi uniforme: pessoas religiosas e não religiosas tiveram julgamentos equivalentes sobre as palavras tabu, confirmando o grau de tabuismo da maioria dos vocábulos. Isso entra em conformidade com a hipótese de que as palavras tabu seriam avaliadas com alto grau de tabu por todos os participantes uma vez que o

entendimento do que é tabu se forma como um acordo social mais amplo, embora possa haver diferenças na ofensa sentida. Aqueles que se declararam como não religiosos também eram os menos propensos a sentirem-se ofendidos por uma palavra tabu, corroborando estudos que atestam que ser religioso aumenta a sensibilidade a palavras (JANSCHWITZ, 2008).

Na amostra, a maioria dos participantes julgou usar as palavras tabu “às vezes”, embora os religiosos tenham afirmado usar menos palavras tabu do que o restante. Consideramos que eles possam ter se monitorado quanto à avaliação do seu próprio uso pessoal em virtude de o significado social de tabu ser comumente compreendido como negativo, cuja rejeição se dá naturalmente pela reação comportamental do falante - se afetivamente ele acredita que a variável é negativa, então ele prefere criar distância dela, mesmo que seja possível que no seu uso real não existe essa distância. As avaliações para familiaridade das palavras tabu serem mais altas do que as de uso também levantam a seguinte questão: se os participantes são familiarizados com as palavras tabu ao mesmo tempo em que as usam com uma frequência bem menor do que as encontram, de que contato advém então essa familiaridade?

Sete das palavras mais familiares foram também reportadas como as mais usadas pessoalmente pelos participantes: *xixi*, *porra*, *foda*, *caralho*, *merda*, *idiota*, *sexo*. O fato de *xixi* ter sido a palavra com mais votação de uso pessoal e também uma das que menos recebeu julgamentos de tabu corrobora o fato de os participantes se sentirem mais à vontade para admitir o uso de palavras que não tenham carga de inadequação. A palavra *porra*, na comunidade de fala da região metropolitana do Rio de Janeiro, funciona como um marcador discursivo e a aparição como a primeira palavra mais familiar e a segunda mais usada valida a observação, mesmo sendo apresentado neste estudo fora do contexto discursivo. Embora a familiaridade tenha levantado julgamentos mais homogêneos do que o uso, os religiosos também disseram ter menos familiaridade com palavras tabu. Os participantes não praticantes se comportaram de modo semelhante entre si nos quesitos de ofensividade e valência, mas são mais semelhantes relativamente aos grupos “não religioso” e “só família” no que diz respeito ao uso e familiaridade, que apresentaram índices mais altos.

Uma hipótese deste trabalho não confirmada foram as palavras tabu apresentarem nível de alerta mais alto. No nosso resultado, elas receberam julgamento majoritariamente neutro, e diferentemente de Janschewitz (2008), encontramos um efeito de religiosidade sobre o

juízo de alerta, no sentido de pessoas religiosas atribuírem menor grau de alerta relativamente. Essa resposta parece estar na contramão do aumento de ofensividade para esse grupo. Há três interpretações para isso: no treinamento da tarefa, o alerta foi explicado como uma palavra que chama a atenção do participante, a qual ele lembraria mesmo após a finalização da tarefa. Os participantes podem ter associado o conceito de lembrança com algo que seja positivo (i.e. algo memorável, que merece ser lembrado), portanto não compatível com o que é tabu social, já que as palavras positivas receberam muitos julgamentos positivos para alerta – também contrariando a literatura (OLIVEIRA *et al.*, 2013). Essa interpretação também pode ter levado o grupo de religiosos a indicar grau mais baixo de alerta para a categoria de palavras tabu. Uma segunda interpretação tem a ver com a natureza situacional das palavras tabu que dependem largamente de contexto para que sejam ativadas como alerta, e das especificidades da produção de sentido em contexto sentencial. Há evidência de que palavras em contexto sentencial deem qualidade à sentença de forma global, como um todo. Ou seja, essas palavras não são lidas separadamente como um termo tabu, mesmo quando estão sozinhas no início da sentença (e.g.: *merda, quebrei a unha / quebrei a merda da unha*) (DONAHOO *et al.*, 2022; POTTS, 2007). O fato de as palavras estarem em isolamento pode ter contribuído para o apagamento dessa carga de alerta. Corroborando essa suposição, a maioria das palavras que recebeu avaliações no grau 9 em alerta são as de semântica sexual, com valor denotativo forte, cujo significado não se apaga mesmo que elas estejam em isolamento. A terceira interpretação é um efeito do nível de monitoramento social, que pode ter inibido o participante a fazer julgamentos mais categóricos; a maioria das palavras tabu foi julgada como “um pouco” alerta, ficando no meio entre nem um pouco e muitíssimo.

8.4 Efeito de propensão à ofensa, costume de uso e tolerância da família em relação ao palavrão sobre a percepção das palavras tabu

O juízo de ofensividade de cada palavra tabu em comparação com a propensão à ofensa indicada no questionário pós-teste obteve respostas consistentes, com aqueles que se dizem sentir nunca ou pouco ofendidos reproduzindo sua resposta no julgamento individual de cada palavra. No entanto, essa análise pode não capturar todas as sutilezas do nível de ofensividade das palavras no seu uso situacional. Um estudo

que meça o julgamento de palavras tabu em contexto se faz necessário para poder comparar os resultados das avaliações das palavras isoladas. Alguns participantes apresentaram respostas contrastantes; aqueles que disseram nunca usar palavrão no questionário pós-teste responderam nos julgamentos sempre usar algumas palavras tabu, entre elas, *retardado*, *cuzão*, *puta* e *vagabunda*. Isso é mais surpreendente ainda por essas palavras serem quatro das palavras definidas como mais ofensivas. A palavra *puta* pode ter sido interpretada de maneiras diferentes a depender da pergunta, como para o julgamento de uso o participante ter pensado nela como um modificador de grau (e.g.: *um puta apartamento*), mas no julgamento de ofensividade e no tabu como palavra no seu uso com intenção ofensivo e pejorativo (e.g. *ela é uma puta*) (DURVAL, 2021). Os outros contrastes (*retardado*, *cuzão* e *vagabunda*) seguem na direção das reações do indivíduo; todos os participantes que reportaram uso frequente dessas palavras, que ao mesmo tempo afirmaram nunca usar palavrões, são religiosos, que sempre se ofendem e vêm de família que proibia o uso. Então, a resposta comportamental monitorada é a de passar uma imagem de alguém que não usa palavrão, porque afetivamente têm uma atitude muito negativa ao uso proveniente da educação familiar.

De modo geral, o efeito da tolerância da família em relação ao palavrão mais claramente se manifestou no grupo que relata proibição. Esse grupo se destaca dos outros em algumas tendências: maior propensão à ofensa e avaliação mais negativa. Essas tendências confirmam parcialmente as previsões do papel da família no condicionamento da aversão e da formação das atitudes linguísticas de rejeição em relação a palavrão (JAY, 2009; REILLY *et al.*, 2020). O efeito significativo sobre uso e familiaridade está em concordância com Jay (2008) que afirma que a criança adquire o hábito do uso de palavrão para expressar suas emoções largamente pela exposição ao seu uso dentro do contexto familiar. A nossa análise indica uma diferença entre o grupo que experienciou proibição, que selecionou predominantemente índices de pouco uso, e os demais grupos. E houve diferenças maiores ainda entre os julgamentos de familiaridade, principalmente entre o grupo de uso livre comparado ao grupo que relatou proibição. O índice de menor familiaridade pode ser influenciado, por um lado, pela pouca exposição a palavrão no ambiente familiar com alta restrição ao uso, e, por outro lado, a um monitoramento mais severo inibindo o participante desse grupo a conceder a familiaridade a essas palavras.

8.5 Efeito de gênero sobre a percepção das palavras tabu

Primeiramente, apontamos que a amostra dos participantes não foi equilibrada quanto ao gênero (M=46, F=103, outro=3), e isso pode ter enviesado os dados. Portanto, apresentamos aqui as análises e discussões, cientes de que estudos futuros podem dar mais segurança sobre as conclusões. Na avaliação entre gênero, esperávamos que os homens teriam menor sensibilidade e menor monitoramento em relação ao uso que as mulheres. Essas expectativas foram em parte confirmadas, embora algumas apenas como tendências e não significância estatística. Só não houve a tendência esperada em relação a alerta, uma possível reflexão da sensibilidade: os homens classificaram as palavras tabu com maior alerta do que as mulheres. Elas também julgaram o alerta mais neutro do que os homens. Porém, essas diferenças não foram estatisticamente significantes. Retomamos a discussão da interpretação de alerta ter sido voltada para a memorabilidade positiva da palavra, e, portanto, com maior propensão a ser lembrada por homens do que por mulheres se interpretadas dessa maneira.

O julgamento tabu tampouco foi significativamente influenciado por gênero, mas houve a tendência esperada: as mulheres julgaram as palavras tabu no mais alto grau mais do que os homens, em consonância com a literatura (GÜVENDIR, 2015; JANSCHWITZ, 2008; KAPOOR, 2014; JAY, 1992). Contrário ao previsto, a ofensividade foi largamente julgada igual entre homens, embora elas avaliassem se sentir mais ofendidas do que os homens.

De forma mais clara, os resultados corroboraram a literatura e as expectativas para este trabalho, pois os participantes de gênero feminino julgaram usar palavrões significativamente menos do que os homens. Porém, não houve diferenças relevantes entre os julgamentos sobre a familiaridade, o que confirma a maior homogeneidade desse julgamento a despeito de diferenças individuais entre participantes.

Por fim, as mulheres classificaram as palavras tabu com valência negativa em maior número do que os homens, o que também está dentro das expectativas desse estudo e da literatura (JANSCHWITZ, 2008). Os efeitos de gênero sobre os julgamentos de uso e valência, bem como as tendências em relação ao julgamento tabu parecem confirmar uma maior atitude linguística negativa e mais monitoramento em relação a palavrão por parte das mulheres, relacionados à maior inibição a comportamentos considerados mais impróprios para mulheres do que para homens (GÜVENDIR, 2015; KAPOOR, 2014; MEHL; PENNEBAKER, 2003). Eles também estão em consonância sobre dados de maior uso de palavrão por homens (JAY,

2006). Esses efeitos podem ser mais sutis do que esperados dadas as características específicas da amostra: jovens, urbanos e cursando grau superior (HEILBORN *et al.*, 2006; MELLO; SOUZA; SANTOS, 2008).

9 Considerações gerais

Com esse estudo, normatizamos palavrões em língua portuguesa do Brasil, especificamente os mais familiares para os falantes da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. Identificamos que palavrões, quando comparados com palavras emocionais positivas e negativas, e também com palavras neutras, apresentam propriedades distintas. Os palavrões se distinguem de outras palavras de cunho emocional sobretudo devido ao alto grau de inadequação (tabu social + ofensividade) e ao monitoramento sociolinguístico, refletindo em índices menores de uso e familiaridade declarados. Enquanto palavrões são palavras negativas, os julgamentos de valência mostram que palavras negativas apresentam mais graus de negatividade do que as palavras tabu. Quanto ao alerta, não obtivemos os resultados esperados e associamos esse fator ao grau de monitoramento dos falantes motivado pela carga tabu contida nas palavras.

Como esperado, confirmamos que a percepção sobre o uso de palavrões depende de características psicossociais dos falantes. Assim, religiosidade foi um preditor de todos os índices, menos do tabu social. Isso mostra que a divisão de julgamentos entre tabu social e ofensividade, foi capaz de capturar diferenças entre valores sociais mais geralmente difundidos (i.e. tabu) e aqueles mais sensíveis às características psicoculturais individuais (i.e. ofensividade). A mesma tendência foi encontrada entre o julgamento para familiaridade (mais objetivo) e uso (mais subjetivo). Portanto, quanto ao uso de palavrão, quanto mais religiosa uma pessoa é, menos chances ela tem de usar ou encontrar palavrões no dia a dia. Ainda dentro da religiosidade, quanto mais religiosa a pessoa for, ela também se torna mais propensa a sentir-se ofendida, e tende a registrar maior valência negativa e maior nível de alerta às palavras tabu. No entanto, gênero não foi um fator tão abrangente, o que pode se explicar devido à amostra ser composta de jovens universitários que cresceram em ambiente urbanizado. Porém, homens têm menos tendência a indicar valência negativa e afirmar que “nunca” usam. Outra correlação interessante foi a influência da tolerância da família, que, quanto menor, impactou em julgamentos de menor uso

e familiaridade. Ademais, o menor costume de uso correlacionou com julgamentos de valência mais negativos.

As perguntas do questionário final foram mais explícitas, o que se refletiu em respostas mais monitoradas cuja discrepância pôde ser analisada nas questões menos explícitas.

Assim, podemos constatar que é campo fértil para estudos futuros, de cunho psico e neurolinguísticos, relacionar aspectos como alerta e valência à ação do monitor sociolinguístico, investigar como os componentes que determinam atitudes linguísticas (e.g. religiosidade, gênero) modulam o processamento de palavras tabu e em que momento (i.e. o quanto esse monitoramento em função do perfil psicossocial reflete monitoramento imediato ou mais consciente).

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Materiais suplementares

As tabelas, imagens, bem como lista de estímulos e scripts da plataforma R utilizados neste estudo, estão disponíveis em <https://osf.io/escmx/>.

Referências

CARMELINO, A. C. O pacto do insulto: variação estilística, moral e identificação em interações humorísticas. *Linguística*, Montevideu, v. 34, n. 1, p. 23-44, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5935/2079-312x.20180003>.

CHRISTENSEN, R. H. B. Cumulative Link Models for Ordinal Regression with the R Package ordinal. *J. Stat Software*, v. 35, 2018.

CITRON, F. M. M. Neural correlates of written emotion word processing: A review of recent electrophysiological and hemodynamic neuroimaging studies. *Brain and Language*, v. 122, n. 3, p. 211-226, 2012. DOI: [10.1016/j.bandl.2011.12.007](https://doi.org/10.1016/j.bandl.2011.12.007).

CITRON, F. M. M.; WEEKES, B. S.; FERSTL, E. C. Effects of valence and arousal on written word recognition: Time course and ERP correlates. *Neuroscience Letters*, v. 533, n. 1, p. 90-95, 2013. DOI: 10.1016/j.neulet.2012.10.054.

COWDEN, C. R.; BRADSHAW, S. D. Religiosity and sexual concerns. *International Journal of Sexual Health*, v. 19, n. 1, p. 15-24, 2007. DOI: 10.1300/J514v19n01_03.

DONAHOO, S. A.; LAI, V. T. The mental representation and social aspect of expressives. *Cognition and Emotion*, v. 34, n. 7, p. 1423-1438, 2020. DOI: 10.1080/02699931.2020.1764912.

DONAHOO, S. A.; PFEIFER, V.; LAI, V. T. Cursed Concepts: New insights on combinatorial processing from ERP correlates of swearing in context. *Brain and Language*, v. 226, p. 105079, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bandl.2022.105079>.

DRAGOJEVIC, M.; FASOLI, F.; CRAMER, J.; RAKIĆ, T. Toward a Century of Language Attitudes Research: Looking Back and Moving Forward. *Journal of Language and Social Psychology*, v. 40, n. 1, p. 60-79, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/0261927X20966714>.

DUARTE, L. F. DA S. O modificador de grau puta no Português Brasileiro: distribuição e interpretação. *Leitura*, n. 68, p. 2-13, 2021. DOI: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.2021v0n68p2-13>.

ENDRESEN, A.; JANDA, L. A. Five statistical models for Likert-type experimental data on acceptability judgments. *Journal of Research Design and Statistics in Linguistics and Communication Science*, v. 3, n. 2, p. 217-250, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1558/jrds.30822>.

FILHO, N. L. Z.; MAEDA, R. M. A. O palavrão: contrastes sociolinguísticos entre as definições dicionarizadas e o emprego prático na fala de jovens de Mato Grosso do Sul. *Revista Primeira Escrita*, n. 1, p. 103-118, 2014.

FINKELSTEIN, S. R. Swearing and the brain. In: K. Allan (org.); *The Oxford Handbook of Taboo Words and Language*. p. 107-139, 2018. Oxford: Oxford University Press.

GARCIA, A. S.; CRUZ, E. S. T.; MACHADO, J. DE C.; PEREIRA, J. R.; SILVA, É. A. F. Confiança, valores e atitudes em relação à democracia:

uma análise com estudantes universitários. *Revista Espacios*, v. 37, n. 24, p. 11, 2016.

GARRETT, P. *Attitudes to language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

GUÉRIOS, R. F. M. *Tabus linguísticos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1956.

GÜVENDIR, E. Why are males inclined to use strong swear words more than females? An evolutionary explanation based on male intergroup aggressiveness. *Language Sciences*, v. 50, p. 133-139, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2015.02.003>.

HANSEN, S. J.; MCMAHON, K. L.; DE ZUBICARAY, G. I. The neurobiology of taboo language processing: fMRI evidence during spoken word production. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, v. 14, n. 3, p. 271-279, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1093/scan/nsz009>.

HEILBORN, M. L.; CABRAL, C. S.; BOZON, MICHEL. Valores sobre sexualidade e elenco de práticas: tensões entre modernização diferencial e lógicas tradicionais. In: HEILBORN, M.; AQUINO, E.; BOZON, M.; KNAUTH, D. (orgs.) *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 207-266.

HINOJOSA, J. A.; MORENO, E. M.; FERRÉ, P. On the limits of affective neurolinguistics: a “universe” that quickly expands. *Language, Cognition and Neuroscience*, v. 35, n. 7, p. 877-884, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/23273798.2020.1761988>.

JANSCHWITZ, K. Taboo, emotionally valenced, and emotionally neutral word norms. *Behavior Research Methods*, v. 40, n. 4, p. 1065-1074, 2008. DOI: <https://doi.org/10.3758/BRM.40.4.1065>.

JAY, T. *Cursing in America*. Philadelphia: John Benjamins, 1992.

JAY, T. Cursing in mental health settings. EASTERN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION MEETING, 67, 1996a,. Philadelphia.

JAY, T. Cursing: A damned persistent lexicon. In: HERRMANN, D.; McEVOY, C.; HERTZOG, C.; HERTEL, P.; JOHNSON, M. (orgs.). *Basic and applied memory research: Practical applications*. New York: Erlbaum, 1996b. p. 301-313.

JAY, T. *Why We Curse*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000.

JAY, T. The Utility and Ubiquity of Taboo Words. *Perspectives on Psychological Science*, v. 4, n. 2, p. 153-161, 2009. DOI : <https://doi.org/10.1111/j.1745-6924.2009.01115.x>.

JAY, T.; CALDWELL-HARRIS, C.; KING, K. Recalling Taboo and Nontaboo Words. *The American Journal of Psychology*, v. 121, n. 1, p. 83–103, 2008. DOI: <https://doi.org/10.2307/20445445>.

JAY, T.; JANSCHWITZ, K. The pragmatics of swearing. *Journal of Politeness Research. Language, Behaviour, Culture*, v. 4, n. 2, p. 267-288, 2008. DOI: 0.1515/JPLR.2008.013.

KANSKE, P.; KOTZ, S. A. Concreteness in emotional words: ERP evidence from a hemifield study. *Brain Research*, v. 1148, p. 138-148, 2007. DOI 10.1016/j.brainres.2007.02.044.

KAPOOR, H. Swears in Context: The Difference Between Casual and Abusive Swearing. *Journal of Psycholinguistic Research*, v. 45, n. 2, p. 259-274, 2016. DOI: 10.1007/s10936-014-9345-z.

KASSAMBARA, A. rstatix: Pipe-Friendly Framework for Basic Statistical Tests, 2021. Disponível em: <https://cran.r-project.org/package=rstatix>.

FREITAG, R. M.; GORSKI SEVERO, C.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 64-84, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p64-84>

KOUSTA, S. T.; VINSON, D. P.; VIGLIOCCO, G. Emotion words, regardless of polarity, have a processing advantage over neutral words. *Cognition*, v. 112, n. 3, p. 473-481, 2009. DOI: 10.1016/j.cognition.2009.06.007.

KRISTENSEN, C. H.; GOMES, C. F. DE A.; JUSTO, A. R.; VIEIRA, K. Normas brasileiras para o Affective Norms for English Words. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, v. 33, n. 3, p. 135-146, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2237-60892011000300003>

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Orgs.); *Style and Sociolinguistic Variation*. p. 85-108, 2002. Cambridge: Cambridge University Press.

MAIOR, M. S. *Dicionário do palavrão e termos afins*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.

MEHL, M. R.; PENNEBAKER, J. W. The sounds of social life: A psychometric analysis of students' daily social environments and natural conversations. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 84, n. 4, p. 857-870, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.84.4.857>.

MELLO, L.; DE SOUZA, M. R.; SANTOS, N. M. DOS. Sexualidades de estudantes universitários: um estudo sobre valores, crenças e práticas sociais na cidade de Goiânia. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 102-111, 2008.

OLIVEIRA, A. L. DE. *Seu sodomita! – Expressões bíblicas utilizadas como ofensa por evangélicos e sua relevância para a área de PL2E*, 2021. 75f. Dissertação (Mestrado em Letras/ Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021.

OLIVEIRA, J. M. Os palavrões no português baiano: uma análise sociolinguística com base em dois filmes. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 60, p. 163-181, 2018. DOI: [10.9771/ell.v0i60.27635](https://doi.org/10.9771/ell.v0i60.27635).

OLIVEIRA, N. R. DE; JANCZURA, G. A.; CASTILHO, G. M. DE. Normas de alerta e valência para 908 palavras da Língua Portuguesa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 185-200, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200008>

ORSI, V. Tabu e preconceito linguístico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 9, n. 17, p. 334-348, 2011.

PARR-BROWNLIE, L. C.; REYNOLDS, J. N. J. *Basal Ganglia*. Disponível em: <https://www.britannica.com/science/basal-ganglion>. Acesso em: 24 de ago. de 2022.

PAULON, A. *As estratégias linguístico-discursivas e o modo de organização do discurso funk*, 2011. 94 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

PEREIRA, C.; CAMINO, L.; COSTA, J. B. DA. Um estudo sobre a integração dos níveis de análise dos sistemas de valores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 16-25, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000100004>.

PEREIRA, C.; TORRES, A. R. R.; BARROS, T. S. Sistemas de valores e atitudes democráticas de estudantes universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 1-10, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100015>.

PINHEIRO, B. F. M.; MENEZES, L. C. F.; FREITAG, R. M. KO. Palavras-Tabu e Efeitos de Gênero na Leitura. In: LIMA, M.; FRANÇA, D. ; FREITAG, R. (orgs.). *Processos Psicossociais de Exclusão Social*. São Paulo: Blucher, 2020. p. 247-262.

POTTS, C. The expressive dimension. *Theoretical Linguistics*, v. 33, n. 2, p. 165-198, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1515/TL.2007.011>.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing, 2020. Vienna: R Foundation for Statistical Computing. Disponível em: <https://www.r-project.org/>.

REILLY, J.; KELLY, A.; ZUCKERMAN, B. M.; et al. Building the perfect curse word: A psycholinguistic investigation of the form and meaning of taboo words. *Psychonomic Bulletin & Review*, v. 27, n. 1, p. 139-148, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3758/s13423-019-01685-8>.

RUSSELL, J. A. A circumplex model of affect. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 39, n. 6, p. 1161-1178, 1980. DOI: <https://doi.org/10.1037/h0077714>.

SALZMAN, C. D. amygdala. Disponível em: <https://www.britannica.com/science/amygdala>. Acesso em: 24 de ago. de 2022.

SANCHES, R. D. Variação semântico-lexical no Amapá. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 299-315, 2014.

SENDEK, K.; HERZMANN, G.; PFEIFER, V.; LAI, V. T. Social acquisition context matters: Increased neural responses for native but not

nonnative taboo words. *Cognitive, Affective, & Behavioral Neuroscience*, v. 22, n. 2, p. 362-382, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3758/s13415-021-00951-4>.

SILVA, V. L. S. *Representações sociais e questões de gênero: uma análise das nomeações genitais no dicionário informal*, 2022. 100f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Sergipe. 2022.

VALADARES, F. B. O léxico obsceno inserido no regionalismo da Bahia. *Revista Uniabeu*, Belford Roxo, v. 8, n. 19, p. 1-14, 2015.

VINGERHOETS, A. J. J. M.; BYLSMA, L. M.; VLAM, C. DE. Swearing: a biopsychosocial perspective. *Psychological Topics*, v. 22, n. 2, p. 287-304, 2013.

ZEHR, J.; SCHWARZ, F. PennController for Internet Based Experiments (IBEX). Disponível em: <https://osf.io/md832/>. Acesso em: 22 de ago. de 2022.

ZOSSOU, A. A. *Palavrão e expressão de sentimentos: qual a ligação?*, 2021. 13f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília. 2021.